

# O QUE DEUS QUER?



## **Outros Livros do Mesmo Autor<sup>1</sup>**

*Sobrenatural:*

*O Que A Bíblia Ensina Sobre O Mundo Invisível—E Porque Isso É Tão Importante!*

*A Esfera Invisível:*

*Recuperando A Visão Global Sobrenatural da Bíblia*

*Anjos:*

*O Que A Bíblia Ensina A Respeito das Hostes Celestiais de Deus*

*Demônios:*

*O Que A Bíblia Ensina A Respeito dos Poderes das Trevas*

*Eu Te Desafio A Não Me Entediar Com A Bíblia*

*A Bíblia Sem Filtros:*

*Abordando As Escrituras Nos Seus Próprios Termos*

*Revertendo Hermon:*

*Enoque, os Guardiões e a Missão Abandonada de Jesus*

*Critério Resumido Para A Especialização Em Estudo Bíblico*

*(A Série do Estudioso em 60 Segundos)*

*Critério Resumido Para A Especialização Da Bíblia*

*(A Série do Estudioso em 60 Segundos)*

*Critério Resumido Para A Especialização Em Doutrina Bíblica*

*(A Série do Estudioso em 60 Segundos)*

*A Fachada (ficção)*

*O Presságio (ficção)*

---

<sup>1</sup>As obras acima ainda não foram traduzidas para o português, de modo que os títulos poderão ser diferentes quando forem publicados.



# O QUE DEUS QUER?

MICHAEL S. HEISER

TRADUÇÃO: SANDRA ALEX

Com exceção das passagens indicadas, todas as citações bíblicas provêm de A Bíblia Sagrada, publicada pela Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil em 1993, versão Almeida Revista e Atualizada. Copyright © 1993 Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os Direitos Reservados. Certas citações bíblicas provêm da Bíblia Sagrada, Nova Tradução na Linguagem de Hoje ® Copyright © 2000 Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os Direitos Reservados.  
ISBN-13: 978-0692199046 (Blind Spot Press)  
ISBN-10: 0692199047  
Todos os Direitos Reservados.  
Capa: Molly Joy Heiser  
Tradução para o português: Sandra M. Alex

## DEDICATÓRIA

Para todos aqueles que começam sua jornada de fé em Jesus e para aqueles que começaram há muito tempo, mas sentem que ainda se encontram no mesmo lugar.

# ÍNDICE

Abreviações

Prefácio: Por Favor, Não Deixe de Ler

Introdução

## **Parte I: A História**

Capítulo Um: Deus Queria Uma Família

Capítulo Dois: Deus Continuou Querendo Uma Família

Capítulo Três: Deus Foi Traído Por Sua Família

Capítulo Quatro: Deus Se Uniu À Sua Família Humana

Capítulo Cinco: Deus Busca A Sua Família

Capítulo Seis: Deus Permanece Com A Sua Família Para Sempre

Sumário e Prévia

## **Parte II: O Evangelho**

Capítulo Sete: O Que É O Evangelho?

## **Parte III: Seguindo Jesus**

Capítulo Oito: O Que É Discipulado?

Capítulo Nove: O Que O Discípulo Faz?

Nomes e Termos Importantes (Glossário)

Sumário de Termos Sobrenaturais





---

---

# ABREVIACÕES DOS NOMES DOS LIVROS BÍBLICOS (ONDE NECESSÁRIO)

## OLD TESTAMENT

Gn (Gênesis)	Ct (Cantares de Salomão)
Ex (Êxodo)	Is (Isaías)
Le (Levítico)	Jr (Jeremias)
Nm (Números)	Lm (Lamentações)
Dt (Deuteronômio)	Ez (Ezequiel)
Js (Josué)	Dn (Daniel)
Jz (Juízes)	Os (Oséias)
Rt (Rute)	Jl (Joel)
1-2 Sm (1-2 Samuel)	Am (Amós)
1-2 Rs (1-2 Reis)	Ob (Obadias)
1-2 Cr (1-2 Crônicas)	Jn (Jonas)
Ed (Esdras)	Mq (Miquéias)
Ne (Neemias)	Na (Naum)
Es (Ester)	Hc (Habacuque)
Jó	Sf (Sofonias)
Sl (Salmos)	Ag (Ageu)
Pv (Provérbios)	Zc (Zacarias)
Ec (Eclesiastes)	Ml (Malaquias)

## NEW TESTAMENT

Mt (Mateus)	1-2 Ts (1-2 Tessalonicenses)
Mc (Marcos)	1-2 Tm (1-2 Timóteo)
Lc (Lucas)	Tt (Tito)
Jo (João)	Fm (Filemom)
At (Atos)	Hb (Hebreus)
Rm (Romanos)	Tg (Tiago)
1-2 Co (1-2 Coríntios)	1-2 Pe (1-2 Pedro)
Gl (Gálatas)	1-2-3 Jo (1-2-3 João)
Ef (Éfeso)	Jd (Judas)
Fp (Filipenses)	Ap (Apocalipse)
Cl (Colossenses)	



## PREFÁCIO—POR FAVOR, NÃO DEIXE DE LER

**E**spero ter captado a sua atenção. Eu sei... prefácios são equivalentes à espera em fila (para qualquer coisa), a assistir à TV Senado, ou a ficar preso no trânsito. Não prometo que este seja empolgante, mas é importante.

Este livro é uma introdução ao que a Bíblia *verdadeiramente* representa: o amor de Deus, o quanto Deus quer que você tenha a vida eterna com Ele e o quanto Deus quer que você ajude outros a descobrirem os dois primeiros itens. Bem simples... mas é provável que *não* seja o que você está acostumado a ler sobre o assunto. Este livro não é um compêndio ordinário e básico sobre o cristianismo. Ao contrário, ele abrange assuntos dos quais você nunca ouviu falar e eu vou apresentar ângulos um pouquinho diferentes para vários tópicos que já são conhecidos.

Tenho em mente dois tipos de leitores. O primeiro é a pessoa que acabou de se converter à fé em Jesus. Se é o seu caso, você já deve estar um tanto intimidado pela Bíblia. Há vários temas que são esquisitos e não são fáceis de entender. Acredite, eu sei como você se sente. Quando eu passei a crer em Jesus, durante a adolescência, não sabia nada a respeito da Bíblia. Já tinha ouvido falar de Jesus, Noé e Adão e Eva. Só isso. Mas teria sido tão bom se alguém tivesse me dado este livro depois de eu ter acatado o evangelho! Teria me ajudado a compreender a história da Bíblia e alguns conceitos muito importantes. Creio que ele efetuará isso para você.

O segundo leitor que visualizo é a pessoa que conhece Jesus já há bastante tempo, mas, por algum motivo, se sente “empacado.” Você crê em Jesus, tem compromisso com a igreja (talvez até por muito tempo), mas tem esta sensação persistente de que é impossível não existir mais além de tudo isso — a Bíblia contém muito mais do que você já aprendeu até aqui. Você se sente meio perdido quando considera o que realmente significa seguir Jesus. É impossível não existir algo além da adoração de domingo, da confraternização com amigos cristãos e do envolvimento com grupos na igreja. Quero que você reconheça que os seus instintos estão corretos. Este livro vai ajudá-lo a avançar.

Pode até parecer contraditório, mas este livro visa introduzir (ou talvez reintroduzir) conceitos básicos, mas importantes para pessoas talentosas. Eu sempre considero os meus leitores inteligentes. Este livro vai ajudar alguns de vocês a reaprender certos assuntos, sob nova perspectiva. Para outros, os iniciantes, todos nós precisamos de um ponto de partida. De modo que, aqui estamos.

Espero que este livro prepare o leitor para os outros livros de minha autoria. Depois de terminar esta leitura, recomendo dar continuidade com o *Sobrenatural: O Que A Bíblia Ensina Sobre O Mundo Invisível—E Por Que Isso É Tão Importante!* Para os leitores em inglês, o livro está disponível online, no Amazon.com ou no site da editora *Lexham Press*. Existem também vários vídeos gratuitos online em que exploro alguns dos conceitos importantes deste livro. Para os leitores em outras línguas [inclusive o português], o livro encontra-se disponibilizado gratuitamente no link: <https://www.miqlat.org/translations-of-supernatural.htm>.


Após concluir a leitura do *Sobrenatural*, espero que os leitores prossigam na leitura dos outros livros de minha autoria que demonstram existir muito mais a se aprender sobre a Bíblia e sobre Deus do que aquilo que se escuta na igreja. São eles: *Eu Te Desafio A Não Me Entediar Com A Bíblia*; *A Bíblia Sem Filtros: Abordando As Escrituras Nos Seus Próprios Termos*; e *A Esfera Invisível: Recuperando A Visão Global Sobrenatural da Bíblia*.

Espero também que vocês todos passem a ser ouvintes do meu *Naked Bible Podcast* (“A Bíblia Nua e Crua” Podcast). Este título representa o meu

objetivo de oferecer aos ouvintes conteúdo bíblico em seu contexto próprio, da antiguidade original, isento de filtros denominacionais e hipóteses atuais, baseados em paradigmas ocidentais modernos. Eu só me preocupo com o que o texto bíblico, fundamentado em seu próprio contexto, consegue sustentar — não o que as tradições nos ensinaram acerca do texto. A cada mês, centenas de milhares de ouvintes aprendem a ler a Bíblia novamente pela primeira vez. A emoção da descoberta é algo que todo aquele que crê deve experimentar com regularidade. É por isso que eu faço o que faço.

Obrigado por ler este prefácio!





# INTRODUÇÃO

**O** que Deus quer? A pergunta parece simples, mas se você parar para pensar vai descobrir que não é.

Por que? Bem, logo de início, você precisa saber quem faz a pergunta. Muitos perguntam por vários e diferentes motivos. Seria um clamor rancoroso de alguém que sofre? Talvez um sussurro, quase inaudível, emergindo por causa de uma tristeza profunda. Seria a motivação apenas curiosidade? Ou foi causada por um desejo de refletir e cogitar pensamentos profundos? Não é difícil perceber que a resposta certa depende do porquê de a pergunta estar sendo feita.

Já que sou eu que estou fazendo a pergunta, fica fácil esclarecer. Mas antes, permita-me explicar o que *não está* me motivando. Pergunto, não porque desconheça a resposta. Eu sei qual é a resposta. Aliás, sei qual é a resposta para todo mundo, pelo menos em termos da resposta que o Próprio Deus daria para todos nós. É precisamente assim que estou perguntando. Faço a pergunta para ajudá-lo a pensar em coisas importantes. Quando pergunto:

“— O que Deus quer?”

Na realidade, indago: *O que Deus quer para cada uma das pessoas da raça humana?* O que Ele quer para mim e para a minha vida, para você e para a sua vida?

Antes de prover a resposta, é óbvio que esta é uma questão de natureza religiosa. As perguntas vinculadas a Deus normalmente se enquadram nesta categoria. Eu levantei a questão e vou respondê-la porque estou interessado em Deus. A maioria das pessoas também está, embora elas não tenham interesse em igreja. Tudo bem, pois você não precisa de um



para falar do outro. Eu não sou pastor nem bispo, mas fiz do estudo da Bíblia a minha carreira (é possível fazer isso). Portanto, já que estou perguntando, a minha resposta vai ser bíblica para deixar o foco um pouco mais limitado. O meu objetivo é explicar como a Bíblia responderia à pergunta “O que Deus quer?”

Agora, aqui vai a resposta. É bem simples: Ele quer  *você*  !

Talvez você se surpreenda. Talvez até duvide. Tudo bem. Mas é a resposta correta. Contudo, para ser honesto, não é uma resposta  *suficiente* . Não há como entender quão maravilhosa e profunda é a resposta com uma frase tão curta. Você precisaria de algum contexto para apreciar quanto amor a sustenta. Aliás, existe uma  *história*  longa e excepcional por trás dessa resposta.

Já que é este o caso, o livro não se trata apenas do que Deus quer, mas das  *coisas que Deus quer que você saiba* . Sim, Ele quer  *você* , mas para que você aprecie isto e (assim espero) sinta o mesmo por Ele, precisará de um certo contexto.

É claro que esta incumbência é minha. Vamos começar com a história de Deus. Há muita tragédia envolvida, mas Deus nunca mudou de ideia a seu respeito (ou a meu respeito; ainda bem). Assim que terminar de contar a história (não é o livro inteiro, de modo que, se você não é um leitor ávido, teve sorte) apenas me aprofundarei em trechos da história que são extremamente importantes. Assim sendo, se você ler apenas uma porção da história, vai obter a resposta para a pergunta que fizemos no início. Suponho, porém, que você queira continuar. Espero que assim o faça. Vai valer à pena.

Antes de mergulharmos no assunto, tenho uma objeção. Se você passou a maior parte da sua vida na igreja, talvez pense que já conheça a história. É claro que tem um conhecimento parcial, mas garanto que vai descobrir surpresas. Infelizmente, o que geralmente atrapalha o deslumbramento da história é a religião. Às vezes, a igreja e as preferências denominacionais se tornam mais importantes do que a própria história. Não é o caso deste livro.

Embora presuma que alguns leitores já se familiarizaram com a Bíblia, tenho certeza que você encontrará novas verdades e novas formas de pensar a respeito de verdades antigas. E se você nunca entrou em uma igreja nem aprendeu muito sobre a Bíblia, é o leitor perfeito. Não precisa desaprender nem reaprender nada. Tudo é novinho em folha. De uma forma ou de outra, acho que você experimentará a emoção da descoberta do que Deus quer—e o por quê.

PARTE I



# A HISTÓRIA



## CAPÍTULO UM



# DEUS QUERIA UMA FAMÍLIA

A memória mais antiga que eu tenho de Deus não é a de um pai celestial invisível. Para mim, Deus era um criador, uma potência distante. Presumia que Ele já me conhecesse, a mim e a todos os outros seres humanos, mas não tinha a menor ideia do que Ele estivesse pensando (ou se estava pensando) a meu respeito ou a respeito das outras pessoas no mundo. Não duvidava que Ele estivesse em algum lugar — não necessariamente como uma presença real em um cômodo da minha casa. Eu considerava Deus um tipo de observador isolado cuja atenção eu talvez conseguisse, às vezes, captar (quem sabe, quando em apuros). Aliás, eu nunca imaginei que Deus quisesse me castigar, nem que Ele não gostasse de mim. Da minha parte, aceitei que Deus era real e eu não tinha o menor motivo para achar que Ele fosse hostil. Mas era só isso. Como diz o ditado: longe dos olhos, longe do coração.

Eu tinha muito o que aprender acerca de Deus. Já que não O buscava, presumi que Ele não estivesse me buscando também. Se alguém tivesse me perguntado, acho que teria respondido que Deus tinha coisas melhores a fazer. Supunha que eu não estivesse fazendo nada (de bom ou de ruim) que merecesse qualquer atenção.

Como estava equivocado! Deus *estava* me buscando. Mas eu não sabia. Hoje sei que Deus me procurou porque é da natureza Dele nos procurar. Ele Se *comprometeu* conosco.

Como é que sabemos disso a respeito de Deus? (Farei esta pergunta mais de uma vez, portanto fique atento a ela!) Vamos começar por nós mesmos, fazendo uma analogia. É normal — faz parte da nossa natureza — cuidar das coisas que construímos, principalmente se elas exigiram grande esforço ou foram resultado de pensamento concentrado. É natural ficarmos zangados ou ressentidos quando alguém zomba, rebaixa, destrói ou alega ser dono de algo que *nós* fizemos, conquistamos ou no qual pensamos primeiro. *Não ter* tais sentimentos seria anormal.

Assim nos sentimos porque é quem somos de nascença. Somos autoconscientes. Todos nós temos uma vida interior, a vida da mente. Usamos a nossa inteligência para aquilo que almejamos e que vai nos dar prazer, não para aquilo que vai nos causar dor e perda. Agimos de maneira intencional e não por acaso ou sem propósito. Somos guiados pelo nosso raciocínio e intuição.

São inúmeras as ilustrações que provam que tudo isso se enquadra neste cenário. Mesmo as coisas que consideramos insignificantes são feitas intencionalmente, guiadas por limites da razão. Nós escovamos os dentes porque não queremos ter cárie ou mau hálito. Acordamos de manhã porque não queremos perder o nosso emprego (ou melhor ainda, porque temos algo divertido a fazer). Viramos à esquerda em vez da direita porque temos que chegar em algum lugar. Momentos em que talvez façamos algo considerado irracional (como, por exemplo, insultar alguém nas redes sociais que talvez nem leia nem dê a mínima para o seu comentário) acontecem porque ainda desejamos sentir o prazer de um resultado (de nos sentirmos superiores ou de “ensinarmos uma lição” à tal pessoa). E mesmo quando fazemos algo desagradável é com a ideia de que, de alguma forma, tal comportamento nos fará bem. Por que fazemos dieta? Somos, por natureza, seres intencionais e não seres sem propósito.

Mais uma vez, o oposto destes exemplos indicaria uma anomalia psicológica ou emocional.

O Deus da Bíblia compartilha este perfil. Deus faz o que Ele faz para *Se deleitar* no que fez. Deus não criou a humanidade por ser carente. Ele não Se sentia solitário, como se fosse incompleto ou precisasse de

companhia. Deus não precisa de nada porque... bem... Ele é Deus. Na realidade, Ele criou tudo para Se deleitar na obra de Suas mãos. E a criação com a qual Ele mais Se preocupa é a que fez semelhante a Ele, “segundo a Sua imagem” como diz a Bíblia (Gn 1:26). Ou seja, eu e você.

## ONDE A NOSSA HISTÓRIA COMEÇA

A nossa história — a história do porquê Deus nos quer — começa com o conceito bíblico de que Deus é o nosso Criador. Embora não possamos compreender esta verdade em sua totalidade, o critério fundamental é que estamos aqui porque Deus nos quer aqui. Deus não age por acaso. Ele age com propósito. Quando criou os seres humanos, não estava tentando atender a uma deficiência Própria. Considerando, então, o fato de que Ele não precisava de nós, mas mesmo assim nos criou, existe apenas uma explicação racional para o motivo de nos ter criado. Deus quis que nós existíssemos com a finalidade Dele Se deleitar em nós (e que nós nos deleitássemos Nele também).

Por ter Deus nos criado, a Bíblia se refere a Ele como o nosso “Pai” e às pessoas a partir de Adão como os Seus filhos e filhas.<sup>2</sup> É por isso que a Bíblia usa a linguagem de família para descrever Deus e o Seu relacionamento conosco. Não é coincidência.

Mas estou me adiantando. Para entendermos, de verdade, o contexto da linguagem bíblica centralizada na família, precisamos retornar à época anterior ao momento em que Deus fez a terra e a raça humana. Talvez você se surpreenda ao saber que Deus também não estava sozinho. É mais um motivo que nos dá a certeza de que Ele não nos criou para aliviar a Sua Própria solidão.

A Bíblia nos diz que antes de nos criar, Deus já havia criado outros seres inteligentes. A Bíblia os chama de “filhos de Deus.” Nós os chamamos de anjos. O livro de Jó, no Antigo Testamento, nos conta que os filhos de Deus “alegremente cantavam e rejubilavam” quando Deus

---

<sup>2</sup> Is 63:16; 64:8; Lc 3:38; At 17:28-29; Rm 1:7; 1 Co 1:3.

lançava os fundamentos da terra (Jó 38:4-7). Eles já estavam presentes, observando tudo.

Pense na frase: “filhos de Deus.” O mesmo termo em hebraico que foi traduzido como “filhos” também pode ser traduzido de forma mais inclusiva como “filhos e filhas.”<sup>3</sup> O que a frase “filhos e filhas de Deus” sugere?

Família.

“Filhos e filhas” é um termo que você usa quando a família é assunto de conversa. No caso de Jó 38:4-7, a família é celestial ou sobrenatural. Deus é o Pai dos seres inteligentes que criou na esfera invisível.

O fato de Deus já ter uma família sobrenatural nos ajuda a compreender a Sua motivação ao criar Adão e Eva, os primeiros seres humanos na história de Gênesis. Deus queria uma família *humana* além da Sua família sobrenatural. É incrível, mas a história do Éden nos conta que Deus queria as Suas duas famílias vivendo juntas na Sua presença. Ou seja, assim como os anjos, os seres humanos foram originalmente criados já adaptados à presença do Próprio Deus.

Mas como é que sabemos disso tudo? (Lá vou eu de novo). Vamos dar uma olhada.

O primeiro livro da Bíblia, Gênesis, começa com a criação. Deus já havia criado à beça até a história chegar às pessoas (Adão e Eva). A história se desenrola com Deus criando as plantas, insetos, criaturas voadoras, e animais terrestres. Nenhuma dessas criaturas tinha capacidade de ter um relacionamento com Deus. Elas não tinham condições de conversar com Ele, nem de compartilhar seus pensamentos ou expressar gratidão a Ele. Membros de uma família se relacionam uns com os outros — interagem no nível intelectual e emocional. Formam laços de companheirismo. Por mais espetaculares que sejam as plantas e os animais, eles não conseguem substituir o papel de filhos e filhas. Não são família. E era isso que Deus queria de verdade. Precisava criar seres parecidos como Ele.

---

<sup>3</sup> Gn 3:16; 30:26; 31:43.



## GERADORES DA IMAGEM DE DEUS

Após encher a terra com todo tipo de plantas e animais, Deus ainda tinha muito a fazer. Decidiu gerar criaturas novas “à Sua imagem” e “à Sua semelhança” (Gn 1:27). Elas seriam a Sua família terrestre.

A “imagem de Deus” é um conceito importante na Bíblia. Seres humanos foram criados para serem semelhantes a Deus. Pense no termo “imagem” de Deus como se fosse um verbo e você vai se posicionar no caminho certo para compreender a ideia. Nós fomos criados para *gerarmos a imagem* de Deus, para sermos os *geradores da Sua imagem* — para O representarmos.

O que significa gerar a imagem de Deus? Gênesis 1:27-28 nos dá a resposta:

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.”

Deus poderia ter cuidado do mundo muito bem. Em vez disso, Ele criou uma família terrestre. Seus filhos e filhas assumiriam a responsabilidade da gerência e da manutenção da Sua criação. Eles seriam suplentes e sócios. Gerar a imagem de Deus significa ser a representação de Deus na terra. Deus incumbiu os seres humanos de realizar uma tarefa que Ele mesmo poderia ter feito. Mas preferiu que Seus filhos e filhas participassem. A empresa de Deus seria uma empresa familiar. O Éden não era apenas a casa de Deus; era o Seu escritório residencial. E nós fomos criados para ser os Seus cooperadores.

Deus garantiu que as pessoas criadas por Ele tivessem condições de cumprir a tarefa de gerarem a Sua imagem na terra. Ele compartilhou os Seus atributos (Suas qualidades e habilidades) com eles — tais como

inteligência e criatividade. A Bíblia nos diz que os seres humanos são uma versão menor de Quem Deus é. Ele nos fez semelhantes a Ele para que participássemos com Ele como cogovernantes e cozeladores deste novo mundo.

Gerar a imagem de Deus é um conceito importante por várias razões. Fornece-nos uma identidade segura e profunda. Foi o desejo original de Deus que todo ser humano fosse Seu filho e sócio. É *assim* que Deus vê as pessoas. E é assim também que nós devemos pensar sobre as pessoas. Deus quer que todos nós consideremos cada pessoa um irmão ou uma irmã. Todos nós possuímos o mesmo status de geradores da imagem de Deus, e Deus nos quer incluir na Sua família. Racismo, violência, manipulação e coerção não fazem parte do desígnio de Deus para a humanidade. São o resultado maléfico da rebelião e do pecado. Deus detesta o que o pecado produziu nas pessoas que *Ele ama*. Precisamos nos lembrar disso quando pensamos em nossos próprios fracassos morais e nos de outras pessoas também.

Gerar a imagem de Deus também nos oferece um propósito. Temos uma missão. Cada pessoa, não importa quão pequenina ou fraca ou quão curta seja a sua vida, tem um papel a desempenhar na vida de outra pessoa. Cada tarefa na qual nos empenhamos que honre a Deus e aos nossos companheiros geradores de imagem se torna um chamado *espiritual*. Na mente de Deus, a função de um pastor, ministro ou sacerdote não é superior a qualquer outro chamado. A nossa forma de viver ou abençoa os coparticipantes geradores de imagem, fazendo-os lembrar como deve ser a vida e a harmonia com Deus, ou os amaldiçoa. O que fazemos é importante — e, na maioria das vezes, em formas minúsculas e não espetaculares.

Por causa disso foi que respondi à minha pergunta original da forma como fiz. O que Deus quer? Ele quer você. Ele quer uma família. Ele quer coparticipantes. Ele quer que você saiba quem você é e por que a sua vida tem valor para Ele.

Mas estamos apenas começando. Há mais nesta história. A vida em nosso mundo — e talvez até em nossos lares — não está de acordo com a

visão de Deus. Alguma coisa aconteceu para arruinar tudo. A angústia foi tão intensa que Deus *quase* decidiu desistir da humanidade.

## CAPÍTULO DOIS



# DEUS CONTINUOU QUERENDO UMA FAMÍLIA

**N**o capítulo anterior eu frisei que Deus equipou as pessoas para gerarem a Sua imagem na terra. Ele o fez ao compartilhar Seus atributos (qualidades e habilidades) com elas. Por mais maravilhoso que isso fosse (e é), é aí que as coisas ficam interessantes — e apavorantes. Uma das qualidades de Deus é liberdade — o que geralmente chamamos de livre-arbítrio. Se você já se perguntou por que existe maldade no mundo, segue abaixo a resposta bíblica.

### REBELIÃO Nº 1

Quando Deus tomou a decisão de compartilhar Seus atributos com os Seus filhos e filhas, Ele sabia exatamente o que isso significaria. Deus sabe de tudo, de modo que entendeu claramente o que iria acontecer. Ele havia tomado a mesma decisão anteriormente ao criar Sua família celestial. Eles também têm habilidades como inteligência e liberdade. Receberam estes dons do seu Criador.

Mais cedo ou mais tarde, Deus sabia que estes dons seriam usados de maneira errônea ou abusivas. Ele sabia bem que, embora os Seus filhos e filhas (no mundo espiritual e na terra) fossem semelhantes a Ele, eles *não*

*eram Ele. Eram menos que Ele. Eram imperfeitos, ao passo que Ele é perfeito. Em algum momento, um (talvez mais de um) dos Seus filhos e filhas, ou cometeriam um erro horrível ou agiriam de forma egoísta e imprudente, rebelando-se contra algo que Deus quisesse fazer (ou não quisesse que fosse feito).*

Foi precisamente o que aconteceu no Jardim do Éden. Adão e Eva se rebelaram. Transgrediram o mandamento de Deus de não comerem de uma das árvores do jardim. Eles pecaram e perderam a vida eterna na presença de Deus. Todo ser humano que veio à luz depois disso nasceu fora do Éden, alheio a Deus. O apóstolo Paulo resumiu bem o ponto: “O salário do pecado é a morte” (Rm 6:23).

Esta tragédia proveio de uma rebelião ainda mais antiga. Um dos filhos sobrenaturais de Deus decidiu desonrar Sua decisão de ter uma família de seres humanos e tentou Eva, na esperança que Deus destruísse ambos, ela e Adão. Ele se aproximou de Eva na forma de uma serpente (Gn 3:1-7). A Bíblia se refere a essa serpente como satanás e diabo (Ap 12:9). Ele foi bem-sucedido ao conseguir que Eva pecasse, mas fracassou no que diz respeito a se livrar da humanidade permanentemente.

Algumas dessas verdades são muito profundas; a primeira responde à pergunta que todo mundo faz em algum momento da vida: “Por que existe maldade no mundo?” O mal existe no mundo porque Deus decidiu criar seres semelhantes a Ele. Não quero dizer com isso que Deus tenha um lado mal. Ao contrário, Deus rejeitou a ideia de criar seres humanos que fossem robôs ou computadores pré-programados feitos de carne.

Mais um último ponto a salientar. A nossa semelhança a Ele precisaria ser autêntica. Sem liberdade legítima para tomarmos decisões reais, nós simplesmente não seríamos semelhantes a Deus. Deus não é um robô e nós fomos criados para ser como Ele. Sem o livre-arbítrio genuíno, não podemos amar nem obedecer a Deus de forma autêntica.

Decisões pré-programadas não são decisões de verdade. Para que decisões como o amor e a obediência sejam autênticas, é preciso tomá-las em contraposição a uma outra alternativa possível e real.

O resultado de tudo isso é que o mal existe porque as pessoas abusam do dom da liberdade, um dom maravilhoso provido por Deus, e o usam para satisfação própria, vingança e por uma miragem de autonomia. Este abuso começou no Éden.

Mas Deus não foi pego de surpresa. Ele já havia antecipado o mal. Ele previu o que haveria de acontecer e planejou adequadamente. Deus não destruiu Seus filhos humanos por causa da rebelião deles. Antes, planejou perdoar-lhes e redimi-los. A Bíblia deixa bem claro que Deus viu o que aconteceria e já havia traçado um plano de perdão e salvação antes mesmo que a rebelião ocorresse — desde “a fundação do mundo” para ser mais exato (Ef 1:4; Hb 9:26-10:7; 1 Pe 1:20).

O plano de salvação exigiria que Deus, por fim, Se tornasse homem. Vamos chegar a esta parte da história daqui a pouco. Porém, bem antes deste evento apoteótico, seria necessário que um preço fosse pago pelo que aconteceu no Éden. Deus expulsou Adão e Eva (e, como consequência, os seus descendentes) da Sua presença. O Éden deixou de existir. Em vez de vida eterna com Deus, seu Pai, a humanidade agora anteciparia a morte (Rm 5:12). No final das contas, este foi o preço que a separação da fonte de vida — Deus — custou.

Na realidade, Deus expulsou os filhos de Sua casa. De qualquer forma foi um resultado melhor do que o que a serpente esperava — a destruição humana. Deus não desistiria do Seu plano de ter uma família humana, mas a rebeldia teve um custo. Deus também puniu Satanás. Ao trazer morte ao mundo de Deus, ele se tornou o senhor da esfera dos mortos, mais tarde conhecida como inferno.

## NENHUM PLANO DE APOIO

A esta altura, você talvez esteja imaginando por que Deus simplesmente não descartou o plano todo de ter uma família de seres humanos. Afinal de contas, Deus permitiu o livre-arbítrio, sabendo que este conduziria ao pecado e a milênios de miséria humana, em forma de violência, negligência, egoísmo, e uma multidão de outras coisas horríveis que os seres humanos são capazes de infligir uns aos outros. Talvez o seu

próprio sofrimento, ou o sofrimento que você observa em toda parte, pudesse até fazer você desejar que Deus houvesse destruído tudo.

Acredite ou não, Deus compreende este sentimento. Ele enxerga as mesmas maldades que você, infinitamente mais. Ele não queria nada disso. Você diz, mas..., “*Ele é Deus — não pode anular tudo?*” Não é tão simples assim. Pense bem. Deus só pode eliminar o mal em nosso mundo se eliminar também todo aquele que pratica a maldade. Ou seja, Deus só pode acabar com o mal se liquidar a todos nós. Todos pecam (Rm 3:10-12) e, como diz a Bíblia, “estão destituídos da glória de Deus” (Rm 3:23 NVI). Portanto é claro que Deus *poderia* fazer isso, mas não o faz. Ele ama demais a humanidade para considerar tal opção.

Tudo isso se resume a uma verdade fascinante: embora Deus soubesse o que aconteceria ao nos criar à semelhança Dele, *preferiu este resultado a não ter família nenhuma*. Deus vê o pecado e a miséria em nosso mundo e reconhece a causa. Isso O magoa. Deus está tão consumido de amor por Seus filhos e filhas humanos que não abandona Sua ambição original. Não existe plano B; apenas plano A. Apesar de antever a rebelião que ocorreria no Éden e todos os fracassos e pecados que se sucederiam — inclusive os nossos — Deus até hoje anseia por uma família de seres humanos.

O que aconteceu no Éden foi apenas o início da história. Deus expeliu Adão e Eva de Sua casa (Gn 3:22-24). Amaldiçoou a serpente (Gn 3:14-15) e baniu-a de Sua presença (Is 14:12-15; Ez 28:16). A mensagem foi forte e simples: qualquer rebelião será castigada. Você poderia pensar que todos entenderiam o recado. Mas não. As coisas só pioraram.

## REBELIÃO N° 2

Você deve ter aprendido, ao longo do caminho, que a Bíblia ensina que o mundo tem tanta maldade porque a humanidade caiu em pecado no Jardim do Éden. Esta verdade é parcial. Depois da tragédia do Éden, sucederam-se mais dois episódios que mergulharam a humanidade ainda mais nas profundezas da depravação e do caos.

O primeiro episódio descrito em Gênesis 6:1-4, é, seguramente, um dos incidentes mais estranhos da Bíblia inteira. (Acredite, eu escrevi livros

inteiros sobre o assunto). A história relata que alguns dos filhos sobrenaturais de Deus (os “filhos de Deus”) tinham o intuito de imitar Deus e produzir seus próprios descendentes humanos que gerassem a imagem *deles*. Assim, decidiram usar as mulheres humanas (as “filhas dos homens”) com essa finalidade. Tal ocorrência os tornou rivais de Deus, o próprio pai celestial deles. Ao invés de se contentarem com o desejo de Deus de tornar os seres humanos membros da Sua família, decidiram que eles mesmos seriam os soberanos de seus próprios seres humanos. Não era o que Deus tinha em mente. Ele queria uma família e não escravos.

Estes “anjos que pecaram” (2 Pe 2:4) trespassaram a fronteira entre o céu e a terra. Eles “não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio” (Judas 6). Como resultado disso, Deus os precipitou no inferno (2 Pe 2:4-5; Jd 6), só que o mal fora feito e as consequências foram desastrosas. Repare só os dois versículos após a Bíblia relatar detalhadamente esta rebelião:

Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. (Gênesis 6:5-6)

Pense bem: *todo* o desígnio do coração de *todos* era continuamente mau. Deus Se *arrependeu* de ter feito a humanidade; tal pensamento O *entristeceu*.

Esta é a verdadeira definição da depravação e da tristeza que isso causou. A primeira rebelião sobrenatural levou a humanidade a perder a vida eterna com Deus (o que já é suficientemente ruim). Já esta outra rebelião transpôs os efeitos do pecado para um outro nível, acelerando a autodestruição humana. Deus sentiu um remorso profundo por como as coisas evoluíram. A humanidade ficou danificada permanentemente.

A Bíblia nos conta que Deus não viu outra alternativa a não ser enviar o dilúvio para eliminar a humanidade (Gn 6:17). É importante reconhecer que a história do dilúvio nunca diz que Deus ficou zangado. Só que Ele



ficou de coração pesaroso com tudo o que estava acontecendo. Deus decidira oferecer liberdade aos seres humanos. Não podia retirar deles este livre-arbítrio pois, se o fizesse, eles não seriam mais semelhantes a Ele — não seriam mais seres humanos de verdade. A única solução foi começar tudo de novo, dando um fim a tudo que os filhos rebeldes de Deus causaram.

Somente um homem era considerado justo aos olhos de Deus — Noé (Gn 6:9). Pelo menos havia um. Para Deus bastou. Assim, prosseguiu com o Seu plano de ter uma família de seres humanos.

Deus disse a Noé que construísse uma arca (um navio enorme) a fim de que sobrevivessem ele, sua família e um monte de animais. Mesmo assim, Deus se apegou à esperança de que os seus filhos e filhas humanos poderiam estar com Ele, por mais depravada que a humanidade tivesse se tornado. Cheio de misericórdia, Ele concedeu a Noé cento e vinte anos para se preparar para o dilúvio (Gn 6:3) e para avisar às pessoas sobre o que aconteceria, com esperança de que elas abandonassem a depravação e fossem perdoadas (2 Pe 2:5).

No final, ninguém deu ouvidos a Noé. As pessoas recusaram o aviso benevolente de Deus. Mais uma vez os filhos e filhas de Deus se voltaram contra Ele, já que tinham liberdade para o fazer. Não é de se admirar que o coração de Deus estivesse tão pesaroso. Pelo menos lá estavam Noé e a sua família. Depois do dilúvio, Deus repetiu os mandamentos originais que havia dado a Adão e Eva (“Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra”; Gn 9:1). Deus estava começando tudo de novo com eles. Ele fez uma aliança com Noé que se estendeu a toda a humanidade (Gn 9:8-17). Aliança é uma promessa ou garantia. Esta aliança era unipartidária; tratava-se de Deus prometendo que jamais destruiria a humanidade (Gn 9:11). Imagine só, Deus ainda queria uma família de seres humanos.

Não tão difícil de se imaginar — mas mesmo assim inacreditável — eles continuaram a abusar da bondade de Deus. Uma terceira rebelião se sucedeu ao dilúvio. Esta enquadraria o resto da história bíblica, mostrando, mais uma vez, a paciência e o amor invencíveis de Deus.

## REBELIÃO N° 3

Semelhante às histórias de Adão e Eva e do dilúvio de Noé, você deve ter ouvido falar da Torre de Babel. Se nunca ouviu falar, tudo bem, porque nem mesmo a maioria das pessoas que frequenta a igreja entende o que verdadeiramente aconteceu em Babel.

A história da Torre de Babel se encontra em Gênesis 11:1-9. Depois do dilúvio, Deus queria que os descendentes de Noé se multiplicassem e se espalhassem por toda a terra. Eles se tornariam os cooperadores de Deus para preservar a criação, como o teriam sido Adão e Eva. Em vez de fazerem isso, eles se reuniram em um lugar chamado Babel e construíram uma torre para se vangloriarem (Gn 11:1-4).

Esta é a versão da história que todo mundo conhece, mas o verdadeiro significado se encontra nos seguintes dois versículos obscuros, em outro livro bíblico:

Quando o Altíssimo deu às nações a sua herança, quando dividiu toda a humanidade, estabeleceu fronteiras para os povos de acordo com o número dos filhos de Deus. Pois o povo preferido do SENHOR é este povo, Jacó é a herança que lhe coube. (Deuteronômio 32:8-9)

Estes dois versículos descrevem que um dos julgamentos na Torre de Babel foi a divisão da humanidade. Até então, na história, Deus estava lidando com a humanidade como um todo. Tudo mudou em Babel. Os seres humanos ficariam segregados por língua e pela geografia.

Pior ainda, Deus se divorciou da humanidade. Farto do desacato humano à Sua vontade, Deus designou para as nações da terra outros membros da Sua família sobrenatural — os filhos de Deus. Este grupo não era o mesmo que havia transgredido antes do dilúvio. Deus não podia mais expulsar a humanidade da Sua casa. Já o havia feito no Éden. Também já havia prometido não destruir a humanidade depois do dilúvio (Gn 9:11), ou seja, tal desastre não se repetiria. O que mais poderia fazer?

Disse, em suma: “Basta! Se não querem que Eu seja o Deus de vocês, vou transferi-los a alguns dos meus assistentes celestiais.”

As partículas radioativas deste julgamento assumiram várias formas. Não fomos informados do quanto demorou, mas a Bíblia nos conta que os filhos sobrenaturais de Deus nomeados para as nações fizeram um péssimo trabalho. Tornaram-se tão corruptos (Sl 82:1-5) que Deus os julgaria também! No momento certo, Ele removeria a imortalidade deles e retomaria as nações para Si (Sl 82:6-8). Para a finalidade do assunto aqui, até então a frustração de Deus O deixou sem filhos, no que diz respeito a constituir uma família com os seres humanos. Ele não aguentava mais. Já havia desistido. Bem... quase.

### O AMOR PERSISTENTE DE DEUS

Adivinhe o que aconteceu logo após a catástrofe da Torre de Babel? Deus apareceu a Abraão (cujo nome original era Abrão), um velhinho casado com uma mulher (Sara) que já havia passado da idade de ter filhos. Deus fez uma aliança com Abraão. Prometeu ao velhinho e à sua esposa que eles teriam um filho. Deus faria um milagre. O filho deles seria o início de uma nova família na terra para Deus (Gn 12:1-9; 15:1-6; 18:1-15).

Depois de ter alocado a humanidade para a supervisão dos membros de Suas hostes celestiais, Deus queria mais uma vez começar Sua Própria família, desta vez com Abraão. Abraão creu nas promessas de Deus (Gn 15:6). Ele não precisava conquistar o interesse nem o favor de Deus. Foi Deus Quem escolheu Abraão para começar tudo de novo. O relacionamento entre Deus e Abraão foi iniciado por Deus. Abraão apenas creu.

Em seguida, o relacionamento de aliança que teve início com o chamado de Deus e a fé de Abraão foi oficializado com o gesto físico da circuncisão (Gn 17:1-14; Rm 4:1-12). A família de Abraão inteira seguiu o seu exemplo (Gn 17:23). Essa marca no corpo traria distinção aos descendentes de Abraão como o povo que Deus quis como família. Ao mesmo tempo, a circuncisão também seria um sinal para as mulheres da

linhagem de Abraão, já que ao se casarem dentro de suas respectivas tribos e ao decidirem ter seus próprios filhos, lembrar-se-iam de como aquele povo foi criado de maneira sobrenatural a partir de Abraão e Sara.

É importante entender que a aliança de Deus com Abraão foi baseada em sua crença nas promessas de Deus — fé. Deus não se aproximou de Abraão porque encontrou um homem que seria um bom seguidor de regras. A salvação não é baseada no nosso comportamento. Nós não merecemos a nossa salvação. Se fosse esse o caso, então Deus contrairia uma dívida conosco baseada no nosso desempenho. Ele nos deveria algo em retribuição às nossas realizações. Pense só que absurdo. Ao invés disso, Abraão e seus descendentes expressaram fé nas promessas de Deus ao cumprirem o sinal da aliança. Foi uma maneira externa de demonstrar lealdade.

O apóstolo Paulo usou Abraão como exemplo de lealdade que crê (Rm 4:1-12). Abraão creu e foi aceito por Deus *antes* de obedecer a qualquer regra. As regras serviam para demonstrar que ele cria. Elas não substituíam a crença. Crer (ter fé) era o único e essencial ingrediente. Lealdade a esta crença — a este Deus — é algo que abordaremos mais tarde. Hoje chamamos isso de discipulado. Crença e lealdade são duas coisas distintas. Estão relacionadas, mas não são permutáveis. O mesmo é verdade a respeito da salvação e do discipulado.

Ao prometer um filho a Abraão (e através dele, o início de uma família nova que cresceria até formar uma grande nação), Deus ofereceu uma segunda aliança após o desastre do Éden. A primeira aliança havia sido com Noé. Ambas com o objetivo de preservar o Seu sonho de formar uma família com os seres humanos. Mas tais alianças não representavam apenas a determinação de Deus de não desistir. Elas também ofereciam vida eterna para as pessoas. Deus não desistiu da humanidade. Ele não deixou de amar as pessoas. Deus ainda queria uma família humana.

Deus manteve a Sua promessa a Abraão. Ele e Sara tiveram um filho: Isaque (Gn 17:19-21; 21:1-7). Os seus parentes ficariam conhecidos como “Israel,” o nome usado com mais frequência no Antigo Testamento referindo-se à família humana de Deus (Gn 32:28; Dt 32:9; Is 44:1). E as

peçoas das outras nações, aquelas que Deus alocou para os filhos de Deus depois da rebelião da Torre de Babel? Na Bíblia são chamadas de Gentios, um termo simples que significa “não provenientes de Israel.” Apesar do que aconteceu em Babel, Deus não Se esqueceu daquelas pessoas.

Não só Deus começaria tudo novamente com um povo novo (Israel), como também diria para Abraão que os seus descendentes abençoariam todas as outras nações que Deus havia abandonado (Gn 12:3)! Muitos anos depois, Jesus, proveniente da família de Abraão, seria aquele descendente em particular que traria todas as nações de volta para Deus (Gl 3:16-18, 26-29).

Antes de Jesus entrar em cena, os gentios só tinham condições de se unir à família de Deus quando optavam por rejeitar todos os outros deuses, por crer Nele, e por receber o sinal da aliança de Deus.

Demorou muito tempo entre a época de Abraão até a época de Jesus. A própria história de Israel como “a porção do Senhor” (Dt 32:9) não foi lá muito estimável. Eles eram o povo de Deus, mas infelizmente, talvez até previsivelmente, a lealdade deles fracassou. A hora mais sombria ainda estava por vir.

## CAPÍTULO TRÊS



# DEUS FOI TRAÍDO POR SUA FAMÍLIA

A história do Israel da Bíblia foi um caso longo e tortuoso repleto tanto de triunfo quanto de tragédia. Deus não Se surpreendeu. Ele sabia o que esperar do Seu povo. Ele sempre soube com o que lidava.

### ESGOTANDO A HOSPEDAGEM

Deus permitiu que Abraão soubesse que o futuro dos seus descendentes seria difícil. Ele foi honesto com Abraão ao dizer-lhe:

— Fique sabendo, com certeza, que os seus descendentes viverão num país estrangeiro; ali serão escravos e serão maltratados durante quatrocentos anos. (Gn 15:13 NTLH)

Que péssima notícia! Contudo Deus proveu uma esperança:

— Mas eu castigarei a nação que os escravizar. E os seus descendentes, Abrão, sairão livres, levando muitas riquezas. (Gn 15:14)

E como era de se esperar, os descendentes de Abraão, guiados por seu neto, Jacó, cujo nome Deus mudou para “Israel,” acabaram chegando no

Egito e passaram a viver sob o domínio de Faraó (Ex 1). Eles se deslocaram para lá com a permissão de Deus, a fim de evitarem um período de fome (Gn 45:5-11). O que deu errado foi eles não terem retornado para a terra que Deus lhes havia dado após a fome terminar. Ficaram por muito tempo no Egito.

Enquanto viveram no Egito, a população da nação israelita cresceu demais, tanto que Faraó ficou paranoico, com medo de não continuar governando o país (Ex 1:8-10). Ele os sujeitou ao trabalho forçado e exterminou os recém-nascidos que fossem meninos (Ex 1:14-16). Mas Deus interveio, fez com que o povo aumentasse e se tornasse muito forte (Ex 1:8-21).

Ao todo, Israel viveu durante quatro séculos no Egito debaixo de condições severas. Por fim, Deus interveio e preservou a vida de um bebê que se chamava Moisés. Deus planejou as circunstâncias a ponto de a criança ser educada na própria casa do Faraó, bem debaixo de seu nariz (Ex 2:1-10). Moisés levou uma vida privilegiada, mas um dia cometeu um crime grave: assassinou um homem em decorrência de uma briga que começou com a defesa de um israelita desamparado. Moisés fugiu do Egito para escapar da justiça.

Moisés começou uma vida nova em um lugar no deserto chamado Midiã. Deus apareceu para ele no Monte Sinai, em forma de uma sarça ardente — um encontro que transformaria a história do Seu povo e do mundo (Ex 3:1-15). Deus enviou Moisés de volta ao Egito a fim de confrontar Faraó. Ele haveria de exigir a libertação do povo de Deus. Deus prometeu proteger Moisés e lhe conferir poder (Ex 3:16-22).

O resto da história é uma das mais famosas do mundo. Mesmo que você jamais tenha lido a Bíblia, já deve ter ouvido falar dela ou assistido a filmes sobre o assunto. Deus enviou as pragas contra o Egito e os seus deuses no momento em que Faraó recusou-se a deixar o povo sair (Êxodo 7-12). Deus usou Moisés para forçar a libertação de uma multidão de israelitas da escravidão egípcia. Ele partiu o mar Vermelho para salvá-los quando os egípcios decidiram persegui-los no deserto com o intento de massacrá-los (de Êxodo 13:17 a Êxodo 14). A travessia do mar Vermelho

é um dos milagres mais espetaculares da Bíblia. O motivo não foi ostentação, mas sim preservar um povo. Deus queria a Sua família.

## LEI E LEALDADE

Por fim, Deus trouxe o Seu povo para o mesmo lugar em que, no início, havia falado com Moisés. Foi lá que Ele entregou as Suas leis para os israelitas—os Dez Mandamentos. Fez, também, uma aliança com eles. É importante reconhecer que Israel já era o povo de Deus antes de receberem os Dez Mandamentos. Deus Se referiu ao Seu povo como família enquanto Moisés confrontava Faraó (Ex 3:7, 10; 4:23; 5:1; 6:7; 7:4). As leis não se tratavam de *conquistar* uma posição na família de Deus. Os israelitas *já* eram a família de Deus.

Precisamos “desempacotar” esta distinção, pois é muito importante. Ao invés de conseguir uma posição na família de Deus, Deus entregou a lei ao Seu povo para que eles demonstrassem *o desejo de fazer parte da família*. As leis de Deus se tratavam de provar a Deus que eles não seriam desleais e não se aliariam a um outro deus qualquer. Ao serem leais, os israelitas permitiriam que Deus os usasse para ministrar a todas as outras nações como “um reino de sacerdotes” (Ex 19:5-6). Deus queria a humanidade em Sua família. Ele começou com um grupo: Israel. Se eles fossem crentes leais, se tornariam uma bênção para todas as outras nações (Gn 12:3).

Existe mais um ângulo quanto à compreensão desta aliança. O propósito das leis de Deus não foi para que as pessoas ficassem boazinhas a ponto de fazer com que Deus as amasse. Deus já amava Israel (Dt 7:7-8). Ele capacitou os velinhos Abraão e Sara a terem um filho, de forma sobrenatural, e, no momento exato, Israel procedeu dele. O objetivo todo era ter uma família. Deus não criou uma lista de regras para que eles se enquadrassem na família. Eles *eram* a família Dele. As leis de Deus foram designadas para ajudar os Seus filhos a evitarem outros deuses e viverem vidas felizes, em paz uns com os outros, e não para melhorar a disposição de Deus para com eles.



Fiel ao Seu estilo, Deus não descartou o livre-arbítrio deles. Apenas pediu que cressem Nele — em quem Ele era e que Ele os havia gerado por amor — e abandonassem todos os outros deuses. Qualquer membro de Israel poderia abandonar o amor de Deus se quisesse. Eles poderiam escolher não acreditar. Eles poderiam escolher adorar algum outro deus. E como atestaremos, muitos fizeram exatamente isso.

A partir do momento em que os israelitas deixaram o Monte Sinai (onde Deus lhes entregou a lei), Deus os guiou na forma de um homem (um anjo) para a Terra Prometida (Ex 23:20-23; Jz 2:1). As pessoas reclamavam constantemente por não terem comida nem água suficiente durante a jornada. Deus proveu (Ex 15:22-27; 16:1-30). Eles tiveram que defender a vida, lutando contra inimigos letais na terra. Deus os salvou da destruição (Dt 2-3; Js 11-12; Sl 136:10-24; At 13:19).

#### A ESPIRAL DESCENDENTE

Você até pensa que após Deus ter conduzido Israel à terra, os israelitas passassem a sentir um amor inigualável por Ele — e que a lealdade que crê, por parte deles, chegasse ao ponto máximo. Nem tanto. Ao contrário, decidiram que a coexistência com o mal funcionaria. Recusaram-se a expulsar os ídólatras (pessoas que adoravam outros deuses com ídolos) da terra. É como se os israelitas não se lembrassem de nada do passado, principalmente de que a rebelião traz desastre. A deslealdade deles e sua falta de amor a Deus resultaram na seguinte cena desmoralizante:

O Anjo do Senhor foi de Gilgal a Boquim e disse:

— Eu tirei vocês do Egito e os trouxe à terra que, sob juramento, havia prometido aos seus pais. Eu disse: “Nunca invalidarei a minha aliança com vocês. Quanto a vocês, não façam nenhuma aliança com os moradores desta terra; pelo contrário, derrubem os seus altares.” No entanto, vocês não obedeceram à minha voz. O que é isso que vocês fizeram? Por isso, também eu disse: “Não expulsarei esses povos da presença de vocês; pelo

contrário, eles serão seus adversários, e os deuses deles serão uma armadilha para vocês.” (Juízes 2:1-3 NAA)

Deus foi forçado a julgar o Seu povo... de novo. Ele disse, mais ou menos, o seguinte:

— Estou fora dessa. Vamos ver como é que vocês se viram sozinhos, já que não Me querem.

E, como vimos antes, o povo de Deus se saiu muito mal sem o Deus deles ali presente. E já que estamos revivendo a história, a reação de Deus também é familiar—Ele continuou retornando para Israel, a fim de retirá-los dos problemas. Todos nós conhecemos pessoas assim. Talvez você seja uma delas; não abandona a pessoa, por causa do amor, até ao ponto de se tornar irracional. E se você pensar bem no que Deus estava fazendo, parecia loucura. Mas Deus quer uma família com seres humanos, mesmo sendo Ele o indesejável. O Seu amor desafia a lógica.

O livro bíblico inteiro de Juízes, de onde a citação acima foi citada, relata um ciclo interminável de rebelião espiritual: o sofrimento que provoca, o clamor a Deus por ajuda e Deus sempre retornando, cheio de amor. O ciclo persistiu por alguns séculos. Atingiu o apogeu quando o povo da nação de Israel exigiu que Samuel, um sacerdote e profeta, unguisse um rei para governar sobre eles.

Não é de se surpreender, que o rei escolhido pelo povo (Saul) foi um desastre completo. Você sabe que as coisas não irão bem (ou pelo menos deveria saber) quando escolhe um rei que tem de ser arrastado do esconderijo para assumir o cargo (1 Sm 10:22). Por fim, Deus escolheu Davi para tomar o lugar de Saul. Moralmente, Davi era um fracasso, mas pelo menos foi melhor do que Saul. Ele nunca demonstrou deslealdade nem falta de amor por Deus. Infringiu muitas das leis morais de Deus, mas sempre se arrependia e jamais adorou outro deus. Por este motivo, Deus fez uma aliança de promessa com Davi, dizendo que os seus filhos seriam os reis legítimos de Israel.

Esta aliança incorporava a criação de uma dinastia para Davi. Deus só consideraria como rei legítimo um dos descendentes de Davi. Infelizmente, o resto da história de Israel na Bíblia inclui muitos homens que pertenciam à linhagem correta, mas, por outro lado, não tinham competência para serem reis. Deus precisou remover muitos dos descendentes de Davi por serem desleais a Ele, preferindo seguir outros deuses. Um descendente de Davi, ao herdar o trono, precisava amar a Deus, bem como ter a história correta de família. É por isso que cada rei devia guardar uma cópia das leis de Deus consigo (Dt 17:18; 2 Rs 11:12). Ele tinha que ser o exemplo mais excelente de lealdade e crença.

O filho de Davi, Salomão, foi o maior rei da história de Israel (principalmente se posse de terras e riquezas são testes conclusivos). Infelizmente, sua lealdade e crença no verdadeiro Deus vacilaram. Ele sacrificou a outros deuses e arranjou uma série de casamentos políticos que trouxeram a adoração a outros deuses para dentro de Israel (1 Rs 11:1-8).

### A TRAIÇÃO FINAL

Após a morte de Salomão, dez das doze tribos se revoltaram contra o seu sucessor (1 Rs 11:41-12:24). O reino de Israel estava dividido em duas partes, por tribos e por geografia. A família de Deus agora era um lar desfeito, por assim dizer. É triste demais tantos reis, durante aquele período que se seguiu, nunca terem visto uma cópia das leis de Deus (2 Rs 22:8-13).

A porção ao norte da nação dividida (as dez tribos que se rebelaram politicamente) se entregou, de imediato, à rebelião espiritual (1 Rs 12:25-33). Ao invés de demonstrarem lealdade e crerem no Deus que lhes havia dado a terra e os trazido à existência de forma sobrenatural, a maioria do povo de Israel traiu o Senhor. Foi por isso que os profetas que, naquela época, perambulavam pelo interior do país pregando, compararam a rebelião espiritual à “prática da prostituição” e adultério espiritual. Era uma analogia muito vívida. A porção do sul do país (duas tribos) se

entregou à rebeldia espiritual mais devagar. Mas o pecado gradual não deixa de ser pecado.

Abandonar a Deus nunca dá certo. Como diz a Bíblia em uma passagem: “sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32:23 ARA). Como o fez das outras vezes, Deus permitiu que o Seu povo exercesse liberdade e arcasse com as consequências. Em 722 A.C. a região do norte da nação acabou sendo derrotada por um povo que eu gosto de chamar de “os Klingons<sup>NT4</sup>” do Antigo Testamento — os assírios. Se “O Senhor dos Anéis” lhe é mais conhecido do que “Jornada nas Estrelas,” então compare os assírios com as hordas de Mordor.

Eu gosto de analogias porque os assírios tinham uma reputação, bem merecida, de serem muito cruéis. Eles dispersaram as dez tribos pelo mundo antigo inteiro, separando as famílias e saqueando tudo o que possuíam. As duas tribos que permaneceram no sul da nação foram conquistadas pelos babilônios pouco mais de cem anos depois (586 A.C.). Milhares de israelitas foram levados à força para a Babilônia.

Vamos ser honestos. Se Deus tivesse se esquecido do Seu povo a essa altura, até que entenderíamos. Eles haviam se rebelado repetidamente por mais de mil anos, desde a época de Abraão. É difícil evitar a conclusão de que eles receberam o que mereciam. Mas não é assim que Deus opera.

Ao invés de desistir, Deus decidiu que *mesmo assim* queria uma família com os seres humanos. Mas para resgatar, mais uma vez, o Seu povo — e o resto da humanidade — para o seio da família, teria que mudar a Sua tática. Deus fez uma série de alianças com o Seu povo. Mas, obviamente, as pessoas são meros seres humanos. Ou seja, fracassam...  *muito* e com regularidade previsível. Foi atribuído o resto da humanidade a seres sobrenaturais (os “filhos de Deus”; Dt 32:8) que a esta altura já haviam se tornado inimigos do seu Criador, o Deus de Israel. As coisas ficaram complicadas.

Deus tinha uma solução em duas fases para tudo isso. Quando os últimos filhos da família de Deus estavam à beira do exílio, Deus indicou

---

<sup>NT4</sup> Nota do Tradutor: Klingon é uma raça não-humana que provém de um planeta intergaláctico fictício no seriado de televisão “Jornada Nas Estrelas.”

dois profetas (Jeremias e Ezequiel) para dizer às pessoas que elas não foram completamente esquecidas. Deus firmaria uma “nova aliança” com os Seus filhos, desta vez marcada pela chegada do Seu Espírito (Jr 31:31-34; Ez 36:22-28). Um novo dia estava por vir.

Só que este “novo dia que estava por vir” não resolveu a questão de como Deus iria honrar as alianças antigas sem descartá-las ou alterá-las. Muitos dos israelitas já haviam rejeitado a Deus, passando a adorar outros deuses. Eles O desprezaram ao transgredirem as Suas leis. Isso entristeceu a Deus. Ele queria honrar as Suas promessas, mas muitos dos Seus filhos foram seduzidos a adorar os deuses das outras nações.

Era o caminho que conduzia à morte. Lembre-se de que o que aconteceu no Éden resultou em todo ser humano ter como destino a morte, ao invés da vida eterna, a não ser que ele se voltasse para o verdadeiro Deus e cresse no Seu amor e promessas. Muitos dos israelitas se esqueceram disso. Eles não podiam simplesmente escolher os deuses que quisessem, a qualquer momento que quisessem, como se selecionassem comida de um bufê espiritual. Eles precisavam crer no Deus verdadeiro e permanecer crendo.

A situação ficou mais problemática ainda quando os reis de Israel entram em cena. Deus havia prometido a Davi que os seus sucessores herdariam o trono, mas muitos deles O desprezaram.—Deus não podia ignorar tal falta de crença leal. E nem desistir da promessa. Isso seria admitir que tudo não passou de uma má ideia — e um Deus que conhece todas as coisas não pode ter más ideias.

Assim sendo, como é que Deus honraria as Suas promessas para com um povo que O havia rejeitado e se alienado Dele? Eles precisariam de um coração novo. Precisariam que a Sua presença os guiasse. Um descendente de Abraão e de Davi precisaria ser o rei definitivo e o perfeito gerador da imagem de Deus. Este descendente também reverteria a maldição da morte sobre a raça humana. Como é, então, que um mero ser humano conseguiria vencer a morte? Ele teria que ser Deus. Como é que isso tudo funcionaria?

Não haveria problema nenhum...



## CAPÍTULO QUATRO



# DEUS SE UNE À SUA FAMÍLIA DE SERES HUMANOS

**O**s cristãos conhecem todos os aspectos da vinda de Jesus. Admitem que Maria, uma jovem virgem (Mt 1:18-25), O concebeu de forma miraculosa. O resto da cultura reconhece a imagem do menino Jesus na manjedoura, principalmente nas decorações de Natal. Muitos cânticos de Natal antigos, mas ainda populares, comemoram que Jesus veio como Messias para cumprir as profecias do Antigo Testamento.

### HÁ MAIS A SABER SOBRE JESUS DO QUE A CRUZ

O foco todo é a típica vinda de Jesus ao mundo para, no final, morrer na cruz. Através Dele recebemos perdão pelos nossos pecados e, assim sendo, reintegramo-nos à família de Deus (Jo 3:16). Ou seja, quando a maioria dos cristãos pensa em Jesus, eles imaginam a cruz. Esta verdade é parcial.

O fato de Deus ter Se tornado um ser humano na pessoa de Jesus fica um pouco ofuscado pelo foco concentrado na cruz. A maioria dos cristãos não entende que foi *necessário* Deus Se fazer homem pelos seguintes motivos: cumprir todas as alianças do Antigo Testamento e eliminar as consequências das rebeliões sobrenaturais já mencionadas.

A esperança de que os seres humanos pudessem, um dia, viver de novo com Deus para sempre foi reavivada no momento em que Deus Se recusou a eliminar a humanidade ou a desistir do plano. Ele continuava retornando à humanidade para lhe oferecer perdão e um relacionamento com Ele. Deus queria muito que os seres humanos cressem e demonstrassem a sua fé ao viverem em harmonia com Ele e uns com os outros. Mas os filhos e as filhas de Deus O rejeitaram incessantemente. É como se toda vez que Ele dissesse...

— Vocês ainda podem viver Comigo; creiam nisso e Me revelem onde se encontram os seus corações.

...o problema só piorava. A Bíblia usa a analogia de ovelhas errantes, sem pastor, para descrever tal propensão (Is 53:6; Mt 9:36). Uma analogia bem exata.

Como indiquei no final do capítulo anterior, os filhos e as filhas de Deus precisavam de um coração novo e que a presença de Deus os ajudasse a crer. Eles precisavam de um meio para serem salvos de si mesmos e do destino que os excluía da vida eterna com o Deus que os amava. Tinha que haver um jeito de Deus honrar as Suas promessas de aliança, reverter a maldição da morte e ajudar o Seu povo a permanecer na fé.

A solução de Deus para tais questões foi radical. Ele precisaria Se *tornar um homem*. Unir-Se à raça humana. *É aí que Jesus entra na história*. Jesus foi Deus em forma de homem (Jo 1:1, 14-15; Cl 1:15-20; 2:6-9). Ele foi a solução para cada um destes obstáculos.

A maldição da morte sobre toda a humanidade só se reverteria no momento em que Jesus morresse por nós. Isso significava também que a ressurreição precisaria suceder a esta morte; coisa que só Deus poderia realizar. *Jesus foi a solução para o que ocorreu no Éden*.

Você se lembra da aliança que Deus fez com Abraão? Deus interveio de forma sobrenatural para capacitar Abraão e Sara a terem um filho. Foi assim que nasceu a nação de Israel. Deus disse a Abraão que um dos seus



descendentes abençoaria as nações que Ele abandonara em Babel. Mas como é que um mero homem conseguiria realizar tudo isso? Só Deus mesmo poderia ser o descendente leal de Abraão para cumprir a promessa daquela aliança que abençoaria as nações além de Israel. Jesus foi este descendente de Abraão (Mt 1:1; Lc 3:34). Ele foi a descendência prometida que libertaria do domínio dos outros deuses as pessoas de nações divorciadas (“os gentios”), para que estas pudessem reingressar na família de Deus (Gl 3:16-18; 26-29). *Jesus foi a solução para cumprir a aliança com Abraão.*

Jesus também era descendente de Davi, de modo que era o rei legítimo (Mt 1:1; Lc 1:32; Rm 1:3). *Jesus foi a solução para cumprir a aliança com Davi.* Ele é descendente dos ancestrais corretos e foi perfeitamente leal a Deus; jamais Lhe desobedeceu. Jamais cometeu pecado (2 Co 5:21; Hb 4:15; 1 Pe 2:22). O fato de ele nunca ter pecado também significava que ele foi o exemplo perfeito do propósito da lei de Deus e da aliança feita no Sinai. Jesus foi o maior gerador da imagem de Deus; Deus quer que nós sejamos conforme o exemplo de Jesus (2 Co 3:18; Cl. 3:10). Como veremos mais adiante, é o que significa ser um discípulo (1 Pe 2:21).

A ideia de Deus se tornar homem é difícil de acatar. Deus conseguiu Se tornar homem porque Ele é mais do que uma pessoa. Deus é três pessoas cujas naturezas são inteiramente as mesmas. A Bíblia usa os termos “Pai,” “Filho” e “Espírito Santo” com a finalidade de distinguir estas três pessoas. Os cristãos deram o rótulo de Trindade. “Deus, o Filho,” Se tornou um homem igual a Jesus (Jo 1:1, 14-15). Os teólogos denominam o fenômeno de *encarnação*, termo esse que significa Deus vindo “em carne.” Assim, Jesus era o único ser humano em quem Deus, o Pai, confiaria para cumprir as alianças.

Você talvez se recorde do que eu mencionei anteriormente: Deus já sabia “desde antes da fundação do mundo” que Ele enviaria o Seu Filho, Jesus, para restituir as pessoas à Sua família (Ef 1:1-14; 1 Pe 1:20). Mas o fato surpreendente foi o Filho estar disposto a Se tornar um homem, ser torturado e morrer para que Deus pudesse ter uma família com os seres humanos. Um trecho do Novo Testamento descreve esta conversa:

Pelo que, entrando no mundo, diz: “Sacrifício e oferta não quiseste, mas corpo me preparaste... Eis aqui venho (no princípio do livro está escrito de mim), para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hebreus 10:5, 7)

Ainda bem que Deus, o Filho, Se dispôs a nascer como Jesus. Não só as alianças corriam risco, mas também a sobrepujança de toda a miséria causada pelas rebeliões sobrenaturais. Precisamos compreender que por razão dessas rebeliões fez-se necessário que Deus Se tornasse um homem — pois Deus, ao unir-Se à Sua família de seres humanos, preparou o cenário para a vinda do Espírito.

#### CORRIGINDO MAIS DO QUE A QUEDA

Por ter Deus Se tornado um homem em Jesus, Ele pôde morrer. Isso foi importante, pois a morte só seria derrotada pela ressurreição. Não há ressurreição sem antes haver a morte. Já que Jesus também era Deus, tinha o poder de retornar à vida (Jo 10:17-18). E já que a morte de Jesus fazia parte do plano de Deus, desde antes da fundação do mundo Deus sabia que ressuscitaria Jesus de dentre os mortos (At 2:23-24, 32; 3:15; 10:40; Gl 1:1).

Como resultado da ressurreição, a distância entre Deus e nós foi eliminada. A morte foi derrotada. Ambas efeitos da rebelião no Éden. Os problemas de Adão e Eva, resultantes da tentação da serpente (Satanás), foram solucionados. Todos aqueles que creem que a morte e a ressurreição de Jesus lhes proporcionam o perdão do pecado e a vida eterna participarão da família de Deus para sempre (Rm 4:16-25; 8:10-11; 10:9-10; 1 Co 6:14).

Assim que Jesus ressuscitou de dentre os mortos, precisou retornar (“ascender”) ao céu. Jesus foi elevado ao céu e assentou-Se em Seu trono, ao lado de Deus, o Pai (Mc 16:19; Jo 20:17; Cl 3:1; Hb 12:2). Este foi um ato precursor à concessão do Espírito Santo, que viria para habitar naqueles que haveriam de crer (At 2:33; Rm 8:9-11).

A vinda do Espírito Santo foi o cumprimento da nova aliança descrita por Jeremias e Ezequiel (Jr 31:31-34; Ez 36:22-28). O Espírito é quem proveria vitória sobre a depravação (Gl 5:16-17) e cujas obras seriam “maiores” do que as de Jesus (Jo 14:12). Jesus sabia que a Sua morte e Sua ressurreição eram a chave do cumprimento da nova aliança. Foi por isso que Jesus disse aos Seus discípulos, na Santa Ceia, que o Seu sangue era “o sangue da nova aliança” derramado por eles (Mt 26:28; Mc 14:24; Lc 22:20). Quando Jesus ascendeu ao céu e o Espírito desceu à terra, a humanidade deixou de ser impotente na luta contra a depravação.

A conclusão é que, para Deus limpar os problemas inerentes — os fracassos e rebeliões perpétuos — a se ter uma família com os seres humanos, Ele mesmo precisou Se tornar homem e cumprir todos os termos das alianças.

Pense bem na minha pergunta original neste livro: O que Deus quer? Ele quer  *você*. E, portanto, enviou o Seu Filho unigênito à Terra, como Jesus, para solucionar o problema da morte e do pecado, cumprir Suas alianças com a humanidade, a fim de trazer você de volta para casa, por toda a eternidade. Deus Se fez parte da família humana. Não havia outro jeito. Existem várias razões de o evangelho não ter nada a ver com o nosso comportamento — como por exemplo conquistar o amor e a salvação de Deus. Esta é a razão maior de todas. É loucura achar que o nosso comportamento imperfeito fosse adequado. A vinda, a morte e a ressurreição de Cristo jamais seriam necessárias se conseguíssemos obter a salvação por nós mesmos.

#### SATANÁS E SEUS MINIONS: DEBI E LOIDE?

Existe mais uma guinada nesta história que não quero que você perca. Talvez já imagine. Eu sei que já apresentei isto (aliás mais de uma vez). Se a morte e a ressurreição de Jesus anularam os efeitos daquilo que a serpente (Satanás) fez, impedindo que a perversidade continuasse a se infiltrar no mundo, e ao mesmo tempo revogaram a autoridade dos deuses

provocadores das nações, *por que então Satanás e os outros espíritos malignos mataram Jesus?* Parece até pura estupidez.

Pense bem. A chave de todo o plano de Deus era a morte de Jesus, pois esta era necessária para que a ressurreição derrotasse a morte. E Jesus não poderia retornar para Deus, o Pai, sem cumprir a Sua missão — significando que o Espírito não teria vindo para lidar com a depravação. Se Satanás e todos os outros poderes das trevas tivessem deixado Jesus a sós, *o plano de Deus teria falhado*. Então eles são idiotas sobrenaturais?

Eu já escrevi vários trechos sobre esse assunto. É fascinante. O Novo Testamento, na realidade, nos responde à pergunta. Ao pregar as boas novas (“evangelho”) de Jesus, o apóstolo Paulo disse:

Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória. (1 Coríntios 2:7-8 ARC)

“Príncipes” é um termo que Paulo usa em outras epístolas referindo-se aos membros maléficos do mundo espiritual (Ef 3:10; 6:12; Cl 1:16). A questão é simples: *Satanás, os demônios e os rivais de Deus não tinham conhecimento do plano de Deus*. É claro que eles sabiam quem Jesus era logo no início do Seu ministério. Eles chamaram Jesus de “filho de Deus” e “filho do Altíssimo” (Mt 4:1-11; 8:29; Mc 1:12-13, 21-24; 3:11; Lc 4:1-13, 31-37; 8:28). O Antigo Testamento deixou bem claro que Deus ainda queria uma família com seres humanos para governar com Ele, como em Sua ideia original lá no Éden. Satanás e seus companheiros adivinharam que Jesus estava aqui para começar esse processo. Mas não tinham a menor ideia de qual seria o método. A coisa mais lógica para eles seria matá-Lo. Só que essa seria a chave de tudo. Deus passou a perna nos idiotas.

É fácil rirmos quando percebemos o quanto Deus é mais inteligente do que qualquer um dos seus inimigos sobrenaturais. Mas não perca de vista o assunto principal. Deus não Se uniu à família de seres humanos

para fazer com que Satanás ou seus demônios se passassem por tolos. Ele o fez porque queria *você* na família Dele. Não precisava de qualquer outro motivo. Você foi motivo suficiente.

Mas a história continua. Jesus fez a parte Dele. Precisamos, então, analisar mais de perto o papel do Espírito por uma razão simples, mas de grande significado — aliás está diretamente associada ao nosso papel de ajudar Deus a recrutar o maior número possível de pessoas para Sua família.

## CAPÍTULO CINCO



# DEUS VAI NO ENCALÇO DE SUA FAMÍLIA

Como indiquei no capítulo anterior, a vinda do Espírito Santo foi o cumprimento da nova aliança descrita por Jeremias e Ezequiel (Jr 31:31-34; Ez 36:22-28). O ministério do Espírito em cada cristão torna possível a vitória sobre a depravação. Considere isso um tapa na cara dos filhos caídos de Deus. Mas é um ataque bem mais direto contra outro grupo de vilões sobrenaturais.

A chegada do Espírito deslançou uma campanha de infiltração contra os filhos de Deus, aqueles a quem Deus conferiu as nações das quais Ele havia Se divorciado (Dt 32:8) — os seres sobrenaturais que desertaram do serviço a Deus, tornando-se corruptos e abusando das pessoas que se encontravam sob os seus domínios (Salmo 82).

Jesus sabia de tudo isso. É comum não percebermos essa verdade na nossa leitura dos livros do Novo Testamento que sucedem a ressurreição (isto é: do livro de Atos até o final, o livro de Apocalipse).

### O INÍCIO DO FIM

Ao partir, Jesus acionou a chegada do Espírito (Jo 14:26; 15:26; 16:7; Lc 24:49). Enquanto ainda se encontrava ressurreto na terra, Jesus contou aos Seus seguidores o que estava prestes a vir:

E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias. ... Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra. (Atos 1:4-5, 8 ARC)

Se você continuar lendo o livro de Atos, não demorará muito para descobrir o que Jesus estava prevendo. Assim que Ele Se foi (At 1:9-11), o Espírito chegou em chamas de glória (literais) no capítulo seguinte.

Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (Atos 2:1-4)

O restante do relatório descreve que o Espírito Santo capacitou os seguidores de Jesus a falar em todo tipo de língua. Eles contavam a história de Jesus — a Sua morte e ressurreição — para os judeus do mundo inteiro. “Judeus” era o nome dos israelitas em terras estrangeiras, que se espalharam pelo mundo inteiro durante o exílio da época do Antigo Testamento. Os judeus que ouviram os seguidores de Jesus pregando para eles em suas próprias línguas eram descendentes dos israelitas do Antigo Testamento. Eles vieram a Jerusalém para celebrar uma das festas santas do antigo calendário religioso dos israelitas.

As pessoas em Jerusalém que sabiam quem eram os seguidores de Jesus acharam que a exposição pública fosse embriaguez. Não era possível que estes homens, de repente, tivessem condições de falar em outras línguas. Foi quando o apóstolo Pedro explicou tudo para eles. Para ser honesto, ele não só explicou — falou firme com eles.

“Varões judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo esta a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra... e acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela... De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis.” (Atos 2:14-19, 21-24, 33)

Pedro lhes disse que o que eles estavam vendo com os seus próprios olhos e ouvindo com os seus próprios ouvidos era um milagre ocasionado pela chegada do Espírito Santo. Ele lhes disse que Deus enviou o Seu



Espírito para lhes contar o que acontecera. O messias veio, foi morto, ressuscitou dentre os mortos — e eles precisavam crer. O resultado daquela explicação de Pedro foi impressionante. Três mil pessoas “clamaram ao nome do Senhor” por perdão e foram salvas (At 2:41).

De um modo geral, a esta altura da história, o pregador prossegue (ou regressa) falando da cruz. Tudo bem, aliás tudo ótimo, já que a cruz e a ressurreição conduziram as coisas para este momento. Entretanto, mais uma vez, deixamos escapar algo *muito* significativo no tocante a essa história.

### INFILTRAÇÃO SOBRENATURAL

Lembre-se que o que aconteceu em Atos 2 referia-se à vinda do Espírito. A chegada do Espírito foi o elemento decisivo para uma nova aliança—um conjunto novo de promessas que Deus estava oferecendo à humanidade. Muitos cristãos não percebem que isto também significou que Deus inaugurava ali uma guerra espiritual para recuperar não só os judeus que haviam rejeitado a Jesus, mas os gentios também — as pessoas das nações que Ele havia abandonado na Torre de Babel. *Deus estava no encaço de Sua família* e não importava onde os Seus filhos e filhas vivessem agora. Ele os queria de volta e iria encontrá-los.

A passagem que acabamos de ler em Atos 2 nos conta que o Espírito desceu com vento e com fogo (At 2:2-3). Fogo e “nuvem com fogo a revolver-se” eram elementos comuns nas visões da presença de Deus no Antigo Testamento (Ex 13:21-22; Ez 1:4, 13, 27). Às vezes Deus aparecia em um “redemoinho” (Is 6:4, 6; Ez 1:4; Jó 38:1; 40:6). Os judeus que escutaram a mensagem de Pedro e presenciaram a vinda do Espírito com os seus próprios olhos sabiam que o dia da salvação havia chegado.

Pense no que aconteceu durante esta cena. Três mil judeus que viviam no exterior, nas nações onde os seus ancestrais foram dispersos, vieram para Jerusalém comemorar uma festa religiosa. Eles testemunharam a vinda do Espírito e ouviram falar de Jesus, o messias, e o que Ele fez. Eles creram em Jesus. Tornaram-se cristãos, Seus seguidores. O que você acha que aconteceu em seguida?

Eles voltaram para casa.

Por que isso é importante? Porque agora as nações perdidas e divorciadas contariam com três mil evangelistas implantados em cada uma delas. Eles eram como agentes secretos, ativos em território hostil mantido por outros deuses. Eram a maneira inicial de Deus multiplicar o tamanho de Sua família de seres humanos. Foram a primeira leva. Qual era a missão? A mesma que Jesus havia entregue aos Seus discípulos: o Grande Comissionamento. Os cristãos conhecem bem estes versículos:

Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. (Mateus 28:19-20)

Mas, de novo, faltava algo. Este é o Grande Comissionamento sim. Mas eu omiti o versículo 18, aquele que muitos deixam de ler quando falam sobre a nossa missão de evangelizar. Segue a declaração inteira de Jesus com um trecho importante em negrito:

E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: **É-me dado toda a autoridade no céu e na terra.** Portanto, ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. (Mateus 28:18-20)

Percebeu? Jesus tinha toda a autoridade no céu e *na Terra*. O trecho sobre a autoridade no céu é fácil de entender. Jesus ascendeu ao céu e Se assentou à destra de Deus (Cl 3:1; Hb 12:2). Mas o que significa “na Terra”? Este aspecto é fácil deixar de lado. A Sua ascensão — que, de modo natural, sucedeu à ressurreição — marcou o fim da autoridade

daqueles que haviam exercido poder até então. Quem eram eles? Os filhos de Deus caídos, nomeados sobre as nações quando Deus Se divorciou delas (Dt 32:8).

### VOCÊ NÃO TEM NADA A VER COM ISSO AQUI

A implicação é que a ressurreição e o retorno de Jesus ao céu anularam a autoridade dos filhos rebeldes de Deus. Eles não possuíam mais o domínio legítimo sobre as pessoas daquelas nações. A salvação não veio apenas para os israelitas (os judeus), embora o messias fosse descendente de Abraão e Davi. Jesus era o messias de todo o mundo, e, por direito, o Senhor de cada nação. A ressurreição, a ascensão e a vinda do Espírito marcaram o início do fim para os filhos caídos de Deus. Eles perderam a legitimidade.

É por isso que o Novo Testamento associa a ressurreição e a ascensão à derrota dos poderes sobrenaturais das trevas. Quando Deus “levantou Cristo dentre os mortos” (Cl 2:12 NBV-P) não só os nossos pecados foram perdoados (Cl 2:13-14) mas “Ele desarmou os governantes e as autoridades, os expôs publicamente à vergonha, ao triunfar sobre eles na cruz” (Cl 2:15). Lembre-se de que “governantes e autoridades” (ou “principados e potestades”) são os termos que Paulo usa quando se refere aos filhos caídos de Deus, os seres sobrenaturais, que se tornaram os deuses maléficos das nações durante a época do Antigo Testamento (Rm 8:38; 1 Co 15:24; Ef 1:21; 2:2; 3:10; 6:12; Cl 1:13).

A expressão favorita do apóstolo Paulo para descrever os poderes derrotados das trevas é “governantes e autoridades”. Após ressuscitar dentre os mortos, Jesus ascendeu “ao céu e está assentado à direita de Deus, ficando-Lhe subordinados anjos, e autoridades, e poderes” (1 Pe 3:22). Quando Deus ressuscitou Jesus e O assentou à Sua direita, Jesus foi posicionado “bem acima” dos governantes, das autoridades e dos poderes, “não só no presente século, mas também no vindouro” (Ef 1:20-21). No século vindouro, Jesus virá para “entregar o Reino a Deus, o Pai” após haver aniquilado todo governante, toda autoridade e poder” (1 Co 15:24).

Paulo viu que a ressurreição e a ascensão marcaram o início do fim para os filhos de Deus caídos que foram designados para as nações. Não é nenhuma surpresa, então, ele associar esta mesma ideia à salvação dos gentios, os povos das nações abandonadas. O Jesus ressurreto e o Espírito libertariam os gentios dos poderes das trevas que os escravizavam e lhes abusavam (Sl 82:2-5).

Lembre-se que Deus apareceu a Abraão logo após dividir as nações em Babel. Disse a Abraão que por meio dele e de seus descendentes todas as nações seriam, um dia, abençoadas. Paulo, o apóstolo para os gentios, conhecia bem esta promessa. Ele escreveu que Jesus “confirmou as promessas” feitas a Abraão e seus descendentes “para que os gentios glorificassem a Deus pela Sua misericórdia” (Rm 15:8-9).

Paulo não terminou aí. Ele gostava de citar o Antigo Testamento para mostrar que Deus jamais desistiu das nações gentias. Ele sempre quis a Sua família, desde o início. Paulo sabia que o messias, chamado de “a raiz de Jessé” no Antigo Testamento (Jessé era o pai do rei Davi), “se levantará para reger os gentios, e Nele os gentios esperarão” (Is 11:10). Paulo também sabia que um dia as nações abandonadas adorariam o verdadeiro Deus (Sl 117:1).

Quando o Espírito veio e três mil pessoas creram em Jesus (Atos 2), inaugurou-se o programa — uma campanha de guerra espiritual. Aqueles cristãos retornaram para os seus países nativos. O evangelho de Jesus infiltrou-se nas nações sob o domínio dos poderes hostis sobrenaturais. A Bíblia se refere a este evento como o crescimento do “reino” de Deus. À medida que as pessoas davam as costas aos deuses corruptos e maléficos que não lhes ofereciam a vida eterna e se tornavam membros da família de Deus, o reino de Deus crescia. Um reino diminui; o outro expande.

O reino de Deus, de uma certa forma, já está aqui... mas, por outro lado, não por completo. Não se passa um momento sem que Deus esteja no encaço dos filhos e filhas que Ele tanto ama e deseja. A Sua mão invisível está em toda a parte, em todas as circunstâncias, influenciando e revestindo de poder os seus filhos e filhas para que a Sua família cresça. Um dia o plano de Deus vai alcançar o apogeu. Vai dar uma volta

completa. O final da história será exatamente o que o Autor tinha em mente desde o início.

## CAPÍTULO SEIS



# DEUS PERMANECE COM A SUA FAMÍLIA PARA SEMPRE

**E**u concluí o capítulo anterior deixando alguns tópicos óbvios bem claros. Todos aqueles que confiam no que Ele realizou na cruz e na Sua ressurreição como o único meio de salvação terão a vida eterna. Mas, embora *já* sejamos membros do reino de Cristo (Cl 1:13), este reino *ainda não* alcançou toda a sua plenitude e ainda não chegou à conclusão.

O mesmo é verdadeiro quanto à derrota e destruição de Satanás e dos vários filhos de Deus caídos. *Já* está em andamento, mas *ainda não* realizado. Satanás não tem nenhum direito—nenhuma posse, nenhum poder de morte—sobre qualquer membro do reino de Deus. Nós pertencemos a Deus por meio de Jesus, e Jesus conquistou a morte a fim de que ressuscitássemos com Ele e com o Deus Pai na vida eterna (Rm 6:8-9; Rm 8:11; 1 Co 6:14; 15:42-49). Contudo, “o príncipe da potestade do ar, o espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (Ef 2:2) ainda está vivo e indo bem até hoje.

Da mesma forma, os poderes das trevas foram destronados. Porém, ainda não se renderam. Eles resistem, lutando numa batalha já perdida. Cada pessoa que recebe a salvação que Deus nos oferece por meio de Jesus fica “livre... do domínio das trevas e é transferido... para o Reino do Filho do Seu amor” (Cl 1:13). À medida que o reino de Deus cresce, o reino das trevas diminui.

É fácil nos perdermos com o mal e o sofrimento ainda presentes neste mundo ao invés de olharmos para o futuro. Às vezes é difícil nos lembrarmos que Jesus “Se entregou a Si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigar deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai” (Gl 1:4).

A Bíblia condena este dilema. Ela é honesta. “Toda a criação geme e está com dores de parto até agora” aguardando “com ardente expectativa a revelação dos filhos de Deus. ...[A] própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8:18-21).

### O PONTO DE EXCLAMAÇÃO DA HISTÓRIA

Eu desejo focar o final maravilhoso do restante da história. Toda grande epopeia tem um fim inesquecível, como você sabe. A história bíblica não é diferente. (Se você está aguardando harpas e nuvens, prepare-se para desapontamento).

A nossa tendência é de processar o ato final da história bíblica em termos do nós *recebemos*. Por exemplo, teremos vida eterna e não mais a morte.

Isso é empolgante, mas o termo “vida eterna” não diz muito. É apenas uma descrição da duração e não da qualidade da vida.

A qualidade da vida eterna emerge mais em nossas mentes quando processamos o final da história em termos de uma vida no Éden novo e global. O livro de Apocalipse, o último livro da Bíblia, completa a história com imagens edênicas (Ap 21-22). Deus está lá. O céu retornou para a terra. Jesus está lá. A árvore da vida também está. Este Éden é, na realidade, bem melhor que o original. O mal se esgotou. Não há mais rebelião ansiando por explodir no mundo. A criação, portanto, se otimizou de maneira perfeita. Não existe doença nem morte entre as plantas, entre os animais ou entre as experiências dos seres humanos. Não existe predação nem violência. Não se compara a nada que conhecemos.

A “perspectiva edênica” nos aproxima ainda mais daquilo que a própria Bíblia enfatiza no apogeu de sua história. A passagem de

Romanos 8 que incluí acima reajusta, de certa forma, a nossa mente, para o lado do verdadeiro pináculo do plano de Deus: “a revelação dos filhos de Deus... e a glória dos filhos e filhas de Deus.” Sim, a criação geme por renovação, mas tal libertação associa-se à glorificação da família humana de Deus.

Ou seja, *nós* somos a conclusão daquilo que Deus está fazendo. O *nosso status* de filhos de Deus, enquadrados à Sua presença e mantidos permanentemente presentes junto a Ele, é o ápice da história da Bíblia. *Onde* vivemos é apenas o cenário (sem dúvida, espetacular). A visão final do novo Éden, no livro de Apocalipse, frisa esse aspecto para mim ao descrever a cena final da seguinte forma:

“Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: **Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles.**” (Apocalipse 21:1-3)

#### IDENTIDADE ETERNA

A “revelação dos filhos de Deus... a glória dos filhos e filhas de Deus” é uma forma de dizer que nós um dia seremos transformados à imagem de Jesus. Como disse o apóstolo João: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque haveremos de vê-Lo como Ele é” (1 Jo 3:2). O mesmo conceito é expressado de outras formas:

Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho,



a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.  
(Romanos 8:29)

Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas. (Filipenses 3:20-21)

O nosso destino é nos tornarmos geradores da imagem de Deus, por completo, à semelhança da imagem definitiva de Deus — Jesus. Isto já está em andamento: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória” (2 Co 3:18). A Bíblia conclui a nossa história com ressurreição e transformação. Ressuscitaremos com vida eterna e receberemos um corpo glorificado, comparável ao que Jesus recebeu após a Sua ressurreição. Paulo o chama de “corpo celestial” (1 Co 15:35-58).

A minha passagem favorita, que descreve o nosso destino final e glorificação, é um pouco mais obscura. Trata-se de uma cena do livro de Hebreus em que Jesus nos apresenta a Deus e apresenta Deus a nós. Jesus fica de pé diante de Deus e “da congregação,” os filhos celestiais de Deus. Ele confessa ousadamente que não tem vergonha de nos ter como irmãos na família (Hb 2:11) e, em seguida, diz para Deus e para os membros sobrenaturais da família: “A meus irmãos e irmãs declararei o Teu nome, cantar-Te-ei louvores no meio da congregação... Eis aqui estou Eu e os filhos que Deus Me deu” (Hb 2:12).

É *este* o seu destino definitivo—tornar-se um membro permanente e legítimo da família de Deus. No final, você *pertence* à família de Deus. É o que Ele sempre quis, desde o início. Toda a criação geme justamente por *isso*.

## SÓCIOS ETERNOS

Você já conversou com alguém a respeito de como será a vida nesta nova criação (no céu)? Eu ouvi muita gente descrevendo que será um culto de adoração contínuo, ou reuniões de perguntas e respostas intermináveis com Jesus, ou um bate-papo com a igreja glorificada. (Este último conceito apavora introvertidos como eu).

Embora possamos deduzir algumas coisas ao imaginarmos o que a vida no Éden perfeito venha acarretar, a Bíblia não descreve bem a experiência. As poucas descrições desafiam esses tipos de adivinhações acima descritas. “Aos vencedores,” que perseverarem na fé em Jesus, será dada “autoridade sobre as nações” (Ap 2:26). Jesus permitirá a eles “sentar-se Comigo no Meu trono” (Ap 3:21). Um dia, nós “julgaremos os anjos” (1 Co 6:3).

O que significam essas frases? Podemos começar com a pergunta: quem governa as nações *agora*? A resposta é: os filhos caídos de Deus designados às nações em Babel. Ou seja, as nações neste momento ainda não foram totalmente (ou mesmo na maior parte) reivindicadas por Deus. A expansão do reino de Deus é um processo gradativo, como já mencionamos — um processo que “já” começou, mas “ainda não” se completou. Quando o processo terminar, no final dos dias, os que creem “julgarão os anjos”— proferiremos juízo sobre os filhos de Deus caídos assim que os substituímos. Nós regeremos as nações com Jesus, o nosso rei — e irmão.

Quando eu apresento estes conceitos, recebo perguntas inevitáveis: quantas tarefas teremos? Será que uns crentes terão mais autoridade do que outros? Será que eu vou ser chefe de outros crentes? Como é que todos nós podemos reger? As nossas obras vão ditar quem é responsável por quem?

Todas estas perguntas são de se esperar, vindas *de pessoas que vivem em um mundo imperfeito e caído*. A nossa perspectiva está contaminada pelo mundo imperfeito e defeituoso que conhecemos. Mas a Bíblia não apresenta o nosso destino final como um relacionamento de chefe e

empregado. E sim um relacionamento de pai e filho. Nós, os filhos e filhas de Deus, trabalhamos *com* Ele, ao lado dos nossos irmãos, quer humanos ou divinos. Representamos a imagem de Deus agora da forma como fomos destinados a fazê-lo. E o irmão que mais admiramos é Jesus. Todos os filhos e filhas de Deus foram criados à semelhança Dele, o grande gerador de imagem do nosso Pai.

A questão é que o nosso governo no novo Éden não se trata de hierarquia; e sim de uma *sociedade familiar*. Quando todos os membros da família forem glorificados, a necessidade de uma hierarquia supervisora desaparecerá.

Para ser honesto, nós não conseguimos nem conceber algo parecido. Vivemos em um mundo corrupto. Deus quer que nós —e *você* — experimentemos a vida com Ele da forma como Ele planejou. E um dia o faremos. A Bíblia diz:

“O que ninguém nunca viu nem ouviu,  
e o que jamais alguém pensou  
que podia acontecer,  
foi isso o que Deus preparou  
para aqueles que O amam.”  
(1 Coríntios 2:9, NTLH)



## SUMÁRIO E PRÉVIA

**A**gora você conhece o verdadeiro conteúdo da Bíblia. É uma história fascinante.

Deve estar imaginando como prosseguiremos daqui para diante. Existem uns conceitos importantes a serem considerados, tendo em vista a história. No início, escrevi o seguinte a respeito de Abraão:

O apóstolo Paulo usou Abraão como exemplo de lealdade que crê (Rm 4:1-12). Abraão creu e foi aceito por Deus *antes* de obedecer a qualquer regra. As regras serviam apenas para demonstrar que ele cria. Elas não substituíam a crença. Crer (ter fé) era o único e essencial ingrediente. Lealdade a esta crença — a este Deus — é algo que abordaremos mais tarde. Hoje chamamos isso de discipulado. Crença e lealdade são duas coisas distintas. Estão relacionadas, mas não são permutáveis. O mesmo é verdade a respeito da salvação e do discipulado.

Este parágrafo é o nosso mapa para o resto do caminho. A frase “lealdade que crê” será a nossa guia. Permita-me ilustrar:

### “QUE CRÊ”

Neste próximo capítulo, vamos falar do evangelho: o que é e o que não é. Vamos aprender o que ele significa — o que é o conteúdo do evangelho segundo a Bíblia. Isso é importante, pois **crendo** no evangelho é que nos tornamos a família de Deus. É como somos salvos. Salvação vem por fé. É a maneira que Deus proveu a salvação, o caminho que Ele criou para que nos uníssemos à família Dele. Tudo se centraliza na obra de Jesus.

## “LEALDADE”

Na última seção do livro, vamos aprender o que é discipulado. “Discípulo” é um termo que significa “seguidor.” Ser discípulo de Jesus significa que você O segue—O imita. Jesus disse “aquele que vê a Mim vê o Pai” (Jo 14:7, 9). Jesus viveu de uma maneira que demonstrava o quanto Ele amava Deus—o quanto era **leal** ao Seu Pai e ao Seu plano. Através do discipulado é que provamos que amamos Jesus e amamos a Deus. *Não* é o caso de merecermos o amor de Deus, mas sim de agradecermos a Jesus por Ele cumprir o plano de Deus de nos salvar. Não se trata de substituir nem suplementar o que Jesus fez pela nossa salvação, mas sim de como demonstramos que cremos no que Ele fez pela nossa salvação (Tg 2:14-26).

Como disse anteriormente, crença e lealdade estão relacionadas, mas são distintas. Não são permutáveis. O mesmo é verdadeiro em relação à salvação e ao discipulado. Cremos no evangelho para a nossa salvação. Demonstramos lealdade ao nosso Salvador ao sermos Seus discípulos.



PARTE II



# O EVANGELHO





## CAPÍTULO SETE



# O QUE É O EVANGELHO?

**A** essa altura dos acontecimentos, parece esquisito fazer essa pergunta. Acabamos de passar um bom tempo acompanhando a história da Bíblia, a história do quanto Deus nos quer em Sua família. Nós nos unimos a essa família ao cremos no evangelho.

Descobri que muitas pessoas que frequentam a igreja não entendem bem o evangelho. Umas nem são capazes de enunciá-lo. Outras, que até *conseguem* expressá-lo de forma coerente, geralmente lutam com a verdadeira entrega à simplicidade do mesmo. Elas sofrem no interior por não conseguirem crer, verdadeiramente, que o evangelho é tudo que necessitam para a vida eterna.

Alguns de vocês talvez não entendam o que estou dizendo. No entanto, disponho-me a apostar que à medida que for explicando o que eu quero dizer, você vai enxergar a si mesmo ou alguém que conhece nos próximos trechos.

Vamos começar definindo o evangelho. Farei algumas perguntas importantes ao longo da jornada que devemos considerar para esclarecimento. Também precisamos falar do que o evangelho *não é*. Quando alcançarmos esta parte da conversa, perceberá o que eu quis dizer ao mencionar a luta.

## O QUE É O EVANGELHO?

É bem fácil definir o que o *termo* “evangelho” significa. A palavra bíblica “evangelho” se refere à mensagem da salvação. A palavra em português “evangelho” é tradução da palavra grega (a língua original do Novo Testamento) que se refere a um prêmio concedido a alguém que trouxesse boas notícias. Por isso, você vai ouvir com frequência que o termo “evangelho” se associa a “Boas Novas” — a boa notícia da mensagem da salvação.

Vamos pensar nisso. Parece até que aprendemos algo. Creio que sim, porém, na verdade, não aprendemos o que deveríamos saber. É legal podermos *definir* um termo. Mas, na realidade, não dissemos nada a respeito do *conteúdo* da mensagem da salvação. Defendemos o que a palavra “evangelho” quer dizer, mas não o que o evangelho realmente *é*.

Portanto, vamos falar do que *significa* o evangelho. Qual é o *conteúdo* da oferta de Deus de salvação? Quais são os *detalhes* das Boas Novas? E *por que* o evangelho é notícia boa? A palavra aparece quase cem vezes no Novo Testamento, então devemos ter condições de resolver isso.

É provável que o apóstolo Paulo fale mais da mensagem do evangelho do que qualquer outro escritor do Novo Testamento. Ele usa a palavra “evangelho” para a mensagem que pregou a respeito de Jesus:

“Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei... que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.” (1 Coríntios 15:1-4)

Paulo define a sua mensagem, o evangelho, em outro trecho:

“Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus... com respeito a Seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o

Espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor, por intermédio de quem viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé...” (Romanos 1:1-5)

O conteúdo do evangelho — as Boas Novas — emerge claramente nestas passagens. A seguir, os elementos:

- Deus enviou o Seu Filho...
- Que proveio da linhagem de Davi...
- Como o homem Jesus Cristo...
- Que morreu por nossos pecados...
- Foi sepultado...
- E ressuscitou dentre os mortos...

Estes itens são o *conteúdo* das Boas Novas. Permita-me descrevê-los novamente aqui, sob o prisma da visão maior referente à história que descrevemos antes:

O Filho de Deus Se tornou homem. Ele sofre e morreu na cruz para que os nossos pecados não continuassem a nos manter fora da família de Deus. Ele ressuscitou dentre os mortos para que nós, também, pudéssemos vencer a morte e estar com o Seu Pai, o nosso Pai, o único e verdadeiro Deus, para sempre.

Vamos sondar mais a fundo. Se essa é a boa notícia, *por que é boa?* Por várias razões. É boa porque a nossa salvação não depende do nosso

desempenho próprio. Você não encontra nada a respeito do seu histórico espetacular nem de um currículo imáculo naquelas passagens. O conteúdo do evangelho não envolve o que você fez, nem o que venha a fazer, ou precise fazer, mas sim o que outra pessoa fez por você. Esta notícia é ótima para todos nós, porque ninguém é perfeito. Nenhum de nós agrada a Deus o tempo todo. Nenhum de nós é capacitado para viver na Sua família e ser chamado pelo Seu nome por nós mesmos. *Precisamos nos tornar aceitáveis a Deus.* O conteúdo do evangelho nos conta como isso acontece.

Repare que Paulo descreveu esse ministério de anunciar para as pessoas as Boas Novas como “vindo trazer a obediência da fé.” Ele queria que todos quantos ouvissem a sua mensagem “retivessem” o que ele disse. Como é que você “obedece” ao evangelho? Batizando-se? Dando dinheiro? Comportando-se bem? Não sendo um chato? Ajudando o pobre? Todas estas atividades são dignas, mas *não*. Deus quer “a obediência da fé.” Você obedece ao evangelho quando *crê nele*.

Notou também que Paulo não disse “a obediência da compreensão”? Nós talvez nem entendamos, por completo, coisas do tipo Deus Se tornou um homem em Jesus, ou como a ressurreição possa ter acontecido. Tudo bem. Deus não exige que decifremos tudo e depois retornemos a Ele para fazer a prova final. Ele quer *que creiamos*. A compreensão do quanto essas coisas são racionais pode aguardar.

O conteúdo do evangelho é a oferta de Deus de o perdoar e conceder a você um posicionamento permanente em Sua família. Esta oferta demonstra o Seu amor e carinho. A Bíblia às vezes usa a palavra “graça” no lugar destes termos. Já que não existe poder maior, Deus não foi coagido a fazer essa oferta. Ninguém estava torcendo a orelha Dele. Ele lhe oferece a salvação porque quer você. Tudo o que Ele pede é que você creia.

*Esta é a boa notícia do evangelho.*

## POR QUE PRECISAMOS DO EVANGELHO?

Você talvez ache que eu já tenha respondido essa pergunta. Respondi até certo ponto, pelo menos de forma indireta. Mas sob o ponto de vista da minha experiência nos círculos cristãos, preciso ser franco.

Por que precisamos do evangelho? Porque sem ele não temos a menor esperança de vida eterna com Deus. Nenhuma. Ficamos alienados de Deus por causa do pecado. Crer no evangelho é o único remédio.

A Bíblia descreve o nosso apuro de várias formas. Jesus disse que Ele veio aqui para “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10). Por natureza estamos “mortos em nossas ofensas e pecados” (Ef 2:1, 5) e somos “ímpios” (Rm 5:6). Somos “alheios à vida de Deus” (Ef 4:18) e “hostis” a Ele (Cl 1:21), porque éramos os seus “inimigos” (Rm 5:10). Não é uma situação agradável.

A história bíblica que abordamos explica porque somos o que somos. Nós não nascemos na família de Deus. Somos intrusos. Mesmo assim, Deus nos quer na família. Carentes da natureza de Deus, abusamos de nossa inteligência e liberdade para conseguir o que queremos, geralmente machucando outros no processo. Vivemos de forma autodestrutível. Quando não expressamos a imagem de Deus e infringimos as Suas leis, quando violamos, manipulamos e abusamos de outros, pecamos. Somos, por natureza, pecadores—absortos e rebeldes. “Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3:23).

É fácil ler isso e ficar deprimido ou zangado. Mas as Boas Novas da história do evangelho é que Deus sabia de tudo isso e nos amou da mesma forma. O mesmo é útil por uma razão que talvez nunca lhe ocorreu. É o que difere o evangelho de todos os outros ensinamentos religiosos a respeito da salvação. Todas as outras religiões ou negam que o pecado seja um problema ou dizem que a solução é o desempenho humano—rituais repetidos, orações, observação de dias religiosos, ou seja, sendo bonzinho.

Para ser franco, só o evangelho é honesto acerca da situação humana e da incapacidade humana de resolver o problema. Outras religiões, na verdade, mentem para você — dizendo que você pode consertar o problema da sua própria distância de Deus, ou que você não tem problema nenhum. O evangelho é a única verdade que lhe diz que Deus

precisava prover uma solução e o fez. O evangelho é transparente e honesto. Diz-lhe a verdade mesmo que ela machuque. Isso demonstra amor. Mentir para você não é amor.

### EXISTEM OUTRAS FORMAS DE SE SER SALVO?

Eu já respondi essa pergunta, de certa forma, mas quero abordar a pergunta por um ângulo diferente.

Deus nos oferece perdão, salvação e a vida eterna com Ele *de graça*. Não é algo conquistado nem merecido. A única exigência é que você creia, ou tenha fé — coloque a sua confiança na promessa de Deus e na totalidade do que Jesus fez.

Mas crer no evangelho significa não crer em outros ensinamentos ou ideias quanto à salvação. A Bíblia diz que não existe outra forma de salvação. Pense bem. Por que Deus, o Pai, enviou o Seu Filho Jesus para padecer uma morte tão horrorosa na cruz se houvesse outra forma de você ingressar no Céu? O Filho precisou Se fazer homem e a morte precisou ser conquistada. Era o único caminho, e crer no plano de Deus é o único caminho para a salvação. Não existe nenhuma outra pessoa além de Jesus que possa nos salvar (At 4:12). O próprio Jesus expressou com bastante franqueza: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim” (Jo 14:6).

Não existe ambiguidade. Ninguém se torna membro da família eterna de Deus a não ser através do que Jesus realizou. Você não adiciona o evangelho a outras crenças. Ele é exclusivo. Crer no evangelho significa *dar as costas* para outras crenças. Esse é um aspecto do que a Bíblia chama de arrependimento. Existem outros, mas serão abordados na próxima fase da nossa conversa.

### O QUE O EVANGELHO NÃO É

O nosso debate a respeito do *conteúdo* do evangelho deixa claro que o evangelho se refere ao que Jesus conquistou em nosso favor. A vida eterna,

salvação, é um dom concedido àqueles que creem no que Jesus conquistou em seu favor.

A nossa cultura tenta ofuscar esta clareza, oferecendo automelhoramento ou ligeira “espiritualidade” como substitutos. Mas a descrição bíblica do evangelho desafia tais conceitos. O evangelho (e a salvação) não tem nada a ver com elucidação pessoal, quando se “examina o interior” em uma jornada de autodescoberta. O evangelho não inclui a exploração de ideias provindas de um bufê espiritual. Tais atividades são esforços intelectuais ou psicológicos. E não o evangelho.

Contudo, esta variedade de “evangelhos alternativos” é fácil de se detectar e eliminar. Existe um empecilho bem mais difícil que previne muita gente de descansar na simplicidade da salvação que Deus oferece.

Eu sugeri antes que muita gente que você encontra na igreja tem problema com o evangelho. Isso porque estão presas na armadilha do desempenho. Você ou alguém que conhece pode, inclusive, definir o termo evangelho e até mesmo o conteúdo do seu significado. Mas a ideia de crer que o que Jesus fez por você é a soma total do que se necessita para a vida eterna simplesmente não lhe parece justo. É claro que nós temos que *fazer* alguma coisa. Caso contrário, como é que a mereceríamos?

Se você compreende a história da Bíblia e o conteúdo do evangelho, deve notar, de imediato, que nós *não* merecemos o que Deus oferece. E esse é um ponto de contenção para muita gente. Nós queremos sentir que conquistamos as coisas boas que temos. Não queremos ser um caso de caridade. É uma sensação ruim você conseguir algo bom sem nenhum desempenho, nem um pouquinho.

A culpa deturpa a nossa forma de pensar de maneiras ainda mais sutis. Ela pode paralisar a nossa capacidade de enxergar o evangelho como o dom incondicional que é. A culpa é o que motiva algumas pessoas a justificarem uma dádiva, concluindo que foi merecida por causa de algo que elas fizeram, em algum momento, para o presenteador. E se elas não conseguem se convencer disso, determinam-se a fazer alguma coisa depois a fim de se tornarem dignas de merecer a dádiva.

A culpa não nos deixa ver o amor de Deus demonstrado no evangelho. Por fim, precisamos encarar o quanto esta mentalidade é egocêntrica.

Isso pode parecer cruel, mas escute-me. Trabalhar duro, para convencer alguém que você tem valor exige que você incida o foco sobre si mesmo. Não é possível por em foco outra pessoa quando o objetivo é convencer que você é digno da atenção e do amor de alguém. Queremos nos sentir bem com relação a nós mesmos (isto é: merecemos algo de forma legítima por isso não tiramos de alguém o que não nos pertence). Também queremos que outras pessoas sintam o mesmo por nós (isto é: queremos que elas nos deem alguma coisa por causa da maneira como *as* fazemos sentir em relação a *nós*).

O evangelho arranca e lança fora tudo isso. Ele nos expõe, exigindo humildade nua e crua. Insiste que o foco se ponha inteiramente sobre Deus e sobre Jesus. É por isso que, para tanta gente, ele é difícil de engolir. Não nos deixa receber crédito nenhum.

Em suma, o evangelho não liga a *mínima* para o que você faz, mas dá o *máximo* de atenção para o que você já é. Você é humano. Você é o objeto do amor e plano de Deus desde o início. Nada disso exige desempenho. Simplesmente *é*.

Por sermos pecadores vivendo em um mundo caído, trancamo-nos na mentalidade de que ninguém nos amaria se nos conhecesse de verdade, completamente, por dentro e por fora. Como consequência, não conseguimos imaginar o quanto Deus nos ama, já que nada a nosso respeito Lhe passa despercebido. Ele conhece todo pensamento, palavra, impulso e ação. A culpa que isso cria em nós, e a normalidade dos nossos relacionamentos condicionais, tornam o amor sem filtros de Deus por nós no evangelho difícil de aceitar. De acordo com a nossa perspectiva, não dá para compreender.

A esta altura, preciso dizer que não estou sugerindo que as pessoas que escutam o verdadeiro evangelho e o acatam com toda a sinceridade não foram salvas de verdade. Eu acredito, honestamente, que *elas creem* e, portanto, fazem parte da família de Deus.



O que estou descrevendo é aquele esmagamento de alma na vida interior que muitos desses crentes ainda sofrem. A culpa que eles sentem transformou o amor e a graça do evangelho em uma experiência centralizada no desempenho e baseada em mérito. Eles passam a cogitar se Deus ainda os ama, como o fez no momento em que eles compreenderam e creram no evangelho. Olham para os pecados que cometem, depois de serem crentes, como motivos para Deus sentir desentusiasmo e ambivalência por eles. Estão convencidos de que não conseguem chegar à altura das expectativas de Deus e perguntam-se se “cram o suficiente” ou acham que talvez nunca creram de verdade, enquanto achavam que criam.

A triste verdade é que muitos cristãos *genuínos* vivem uma vida de tormento e derrota, não por causa do evangelho, mas por causa da culpa que carregam, pois esta perverte a clareza do evangelho. Quando eles leem as Escrituras, só conseguem enxergar seus pecados e fracassos. Todo sermão é uma acusação (e os pregadores cujas mensagens possuem esta intenção principal deviam ter vergonha!) A maravilha espetacular da história se perde e fica esquecida.

Salvação *não* tem a ver com desempenho. Aliás nunca teve, nunca terá *e nunca pode ter*. Nós não podemos fazer nada para nos colocarmos ao nível de Deus, nos tornarmos dignos da Sua presença. *Não possuímos a perfeita natureza de Deus*. Somos semelhantes a Deus, criados para retratá-Lo, mas por definição somos *menos* que Deus, e Ele sabe disso. É por isso que a solução que Ele ofereceu foi Jesus e *não você*.

É um absurdo achar que podemos preencher aquela lacuna ou aquele vazio ao fazermos isso ou não fazendo aquilo. Deus nunca aprende nada novo a seu respeito quando você fracassa. Ele sempre o conheceu e mesmo assim o amou do jeito que você era e é. Romanos 5:8 descreve da melhor forma: “Mas Deus prova o Seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.” Notou? Enquanto ainda éramos pecadores. Você não precisa se desempenhar a um nível suficiente para estimular Deus a lhe amar. Se você pensar bem, estas notícias são boas de verdade. Deus nunca fica desapontado com

você, pois Ele jamais tem expectativas falsas quanto ao seu comportamento. Deus sempre amou você, o tempo todo. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

Podemos sumarizar tudo isso em dois tópicos. Salvação — afiliação à família de Deus — não pode ser auferida. Apenas recebida, por fé (crença). Deus a oferece porque Ele é cheio de graça e amor. Não existe outra razão, nem pode haver.

PARTE III



# **SEGUIR JESUS**



## CAPÍTULO OITO



# O QUE É DISCIPULADO?

O propósito do evangelho é de ser transformador. Qualquer pessoa que acata o evangelho “é uma nova criatura; as coisas antigas se passaram, eis que se fizeram novas” (2 Co 5:17). Como é que isso funciona?

Você talvez se lembre da resposta a essa pergunta. Eu disse, anteriormente, que discípulo é um seguidor—especificamente, seguidor de Jesus. Eu defini “seguir” como imitar ou retratar Jesus. Ser “conforme a imagem de Jesus” é o nosso destino final (Rm 8:29; 2 Co 3:18; Cl 3:10).

O nosso motivo ao imitar Jesus não é *fazer* com que Deus nos ame e nos deixe entrar no céu. Deus já amou a cada um de nós “enquanto éramos ainda pecadores” (Rm 5:8) e “inimigos” de Deus (Rm 5:10). Nós chegamos ao céu — tornarmo-nos parte da família de Deus — quando *cremos* no evangelho. Sozinhos, estamos perdidos, precisamos de um Salvador (Lc 19:10), alienados de Deus (Ef 4:18). Mesmo quando *essa* era a nossa situação, Deus nos amou. Ele não esperou que alterássemos a nossa conduta a fim de nos amar.

O nosso motivo em imitar Jesus também não é o de *manter* Deus nos amando a ponto de sermos salvos no final. Aquilo que não pode ser conquistado por intermédio de desempenho não pode ser perdido por desempenho. A salvação não tem nada a ver com o nosso valor ou mérito.

E sim tudo a ver com o que alguém — Jesus — fez por nós. “Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que, Nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5:21). Não podemos considerar a salvação um mérito próprio. Jesus recebe toda a honra.

#### PENSE CLARAMENTE A RESPEITO DE DISCIPULADO

Precisamos pensar com cuidado, como tudo isso se aplica ao discipulado.

Por culpa da armadilha do desempenho que mencionei antes, precisamos compreender com clareza que salvação e discipulado não são a mesma coisa. Muitos crentes começam, inconscientemente, a adicionar suas próprias obras e desempenhos ao evangelho por causa da culpa por seu pecado. O resultado é escravidão espiritual, não a vida abundante que Jesus quer que tenhamos (Jo 10:10; 2 Co 1:5; Ef 3:20).

A salvação é um dom que Deus nos dá quando *cremos* no evangelho. Não a merecemos. No entanto, Deus a oferece apesar do nosso pecado e hostilidade para com Ele. Discipulado é algo que fazemos como *resultado* de cremos no evangelho. Imitamos Jesus para demonstrar o nosso amor por Ele e por Deus. Jesus foi o maior gerador da imagem de Deus, portanto queremos viver da mesma forma.

Existem muitas razões para se viver como Jesus — viver uma vida santa. Só que conquistar o amor de Deus não é uma delas. A salvação não nos custa nada; é de graça para todo aquele que crê no evangelho. Já o discipulado tem um preço. Seguir Jesus, de um modo geral, não é fácil. Ser discípulo exige que você escolha — amar e honrar a Deus, tratar as pessoas pelo que são de verdade — irmãos geradores da imagem de Deus a quem Ele ama e quer trazer para a Sua família através do evangelho.

Pense na vida de Jesus. Não foi fácil. Como diz a Bíblia: “Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos” (1 Pe 2:21). Jesus viveu uma vida de sacrifício. Ele colocou Deus em primeiro lugar, e o “próximo” em segundo (ou seja, todo mundo):

“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mateus 22:36-40).

Jesus viveu assim não para que Deus O amasse ou Se contentasse com Ele. Deus já amava Jesus, mesmo antes Dele vir à terra e “fazer as obras” (Se desempenhar) para cumprir a aliança. Ele amava Jesus desde “antes da fundação do mundo” (Jo 17:24).

Seguir Jesus pode ser dureza. Já que nenhum crente é como Jesus quando passa a crer — e já que é simplesmente difícil viver como Jesus o tempo todo — todo discípulo precisa de uma mudança de coração (o que a Bíblia chama de “arrependimento”) quanto ao seu comportamento. Eu sei que precisei. Tive que parar de fazer certas coisas e começar a fazer outras. Mas nada disso foi para fazer com que Deus me amasse. Ele já me amava.

Jesus fez o que fez porque Ele amava a Deus. O mesmo se aplica a nós. Jesus viveu de uma certa maneira, a fim de ajudar outros a crerem Nele e no plano de Deus. Mas Ele também confiava no plano e no poder de Deus: Ele ressuscitaria dentre os mortos para estar com o Pai mais uma vez.

Precisamos dessa mesma perspectiva eterna. Este mundo não é o nosso verdadeiro lar. Ele é temporário. O próximo sim é permanente. Por Jesus ter feito o que fez nós herdaremos a vida eterna naquele mundo, deixando este mundo para trás. O objetivo das nossas vidas deve ser o de mostrarmos a nossa lealdade e gratidão Àquele que nos salvou, e ajudar outros a ingressarem na família de Deus.

E se falharmos? E se pecarmos? Faremos ambos. Deus sabe disso. Ele conhece os seres humanos muito bem! Sabe quem nós somos. Só que Ele já nos amava mesmo antes de termos o menor interesse em fazer qualquer coisa para O amarmos de volta. Ele nos amou quando éramos inimigos

Dele — “enquanto ainda éramos pecadores” (Rm 5:8). Deus nos amou antes de estarmos na Sua família. Por que nos amaria menos ou deixaria de nos amar agora que fazemos parte da família Dele? Quando pecamos e fracassamos, Ele nos perdoa. Ele quer que *creiamos* nisso e voltemos a imitar Jesus.

### POR QUE VIVER COMO JESUS?

Disse ainda há pouco que existem muitas razões para se viver como Jesus, mas *conquistar o amor de Deus não é uma delas*. Então, que razões são essas?

Primeiro, o pecado é autodestrutivo e prejudica não só a nós mesmos, mas também as pessoas ao nosso redor. Entre os meus parentes, eu vi os efeitos do alcoolismo, vício em drogas e infidelidade. É claro que essas coisas destroem vidas. Então não é de se admirar que as coisas que o mundo — a cultura incrédula — oferece para prazer e autossatisfação são efêmeras e não possuem valor duradouro. A cultura nos diz para “vivermos a vida” a fim de satisfazer a nossa própria “felicidade” sem levar em consideração a miséria que as nossas decisões causam. Não nos oferece nenhuma perspectiva eterna, incitando-nos a viver para o agora. Não existe uma vocação mais alta. A Bíblia expõe essa mentalidade como tal:

Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente (1 João 2:15-17).

Segundo, e em muitos aspectos o oposto do primeiro, viver uma vida piedosa abençoa outros. A verdade é que a nossa maneira de viver e pensar ou abençoa ou amaldiçoa as outras pessoas. Jesus serviu as pessoas



e foi uma bênção para elas. Adotar uma vida motivada por autossatisfação e autoabsorção não é gratificante. Toda revista tabloide de supermercado oferece exemplos dessa realidade. Abençoar as pessoas não só retrata Jesus, mas conduz à realização pessoal. A sua vida é importante quando é vivida para servir a outros.

Terceiro, a vida piedosa nos permite ser testemunhas consistentes com o evangelho. Se as pessoas olham para as nossas vidas e não veem nenhuma distinção do mundo incrédulo, e não percebem uma vida vivida a serviço de outros, não vão considerar o evangelho acreditável (ou no mínimo ficarão confusas). Considerarão as nossas vidas uma contradição da mensagem de Jesus. Ou seja, as pessoas supõem que nós vivemos como Jesus, Aquele que lhes dizemos que as ama. Não é ilógico. A alternativa é hipocrisia e ninguém gosta de hipocrisia.

Viver uma vida piedosa não se resume a conquistar um lugar no céu. Não significa colocarmos Deus como nosso devedor, em decorrência dos “créditos de espiritualidade” que acumulamos. Passagens como as seguintes possuem um foco inteiramente diferente:

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Romanos 12:1-2)

Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem. E mais: Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor. Ora, numa grande casa não há somente utensílios de ouro e de prata; há também de madeira e de barro. Alguns, para honra; outros, porém, para desonra. Assim, pois, se alguém a si mesmo se purificar destes erros,

será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra. (2 Timóteo 2:19-21)

Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. (Filipenses 2:1-8).

Estes trechos bíblicos nos dão uma ideia de como devemos viver, mas ainda não abrangemos os pontos específicos do discipulado. Como é que um discípulo vive? O que é que um discípulo faz? Felizmente, Jesus e Seus discípulos originais, os primeiros cristãos, deixaram isso bem claro. Jesus nunca disse aos Seus seguidores que fizessem algo que Ele mesmo não faria — e, assim, mostrou-lhes como fazer. Eles, por sua vez, seguiram o Seu exemplo e ensinaram outros a fazer o mesmo naqueles dias iniciais da igreja inexperiente.

## CAPÍTULO NOVE



# O QUE UM DISCÍPULO FAZ?

**T**alvez você se surpreenda ao saber que Jesus não mandou que os Seus discípulos fizessem muitas coisas. A Sua visão de amar a Deus e ao próximo não era complicada. Mas as coisas que Ele os mandou fazer são profundas e transformadoras quando colocadas em prática. Vamos começar com o ponto mais importante de se ser um discípulo.

### DISCÍPULOS AMAM A DEUS, AO PRÓXIMO E UNS AOS OUTROS

Já sabemos como Jesus recapitulou uma vida dedicada a Deus. Os maiores mandamentos eram:

Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas. (Mateus 22:36-40)

Jesus fez isso. Disse aos Seus discípulos: “Assim procedo para que o mundo saiba que Eu amo o Pai” (Jo 14:31). Como é que Jesus demonstrou

que amava a Deus, Seu Pai? Ele obedeceu a Deus. Cumpriu o plano de Deus para Si. Também lhes disse: “Como o Pai Me amou, também Eu amei vocês” (Jo 15:9). Jesus pediu aos Seus discípulos que fizessem o mesmo, como ficou esclarecido nos seus comentários referentes aos dois maiores mandamentos.

Jesus foi mais além ao Se dar como exemplo. Disse aos discípulos que amassem uns aos outros como Ele os amou. Ao fazerem isso, estariam obedecendo a Jesus e agradando a Deus. Disse-lhes:

Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer. Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda. Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros. (João 15:13-17)

...[A]ssim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros. (João 13:34-35)

O amor a Deus e o amor uns pelos outros são, segundo Jesus, as marcas fundamentais e indispensáveis dos Seus discípulos. Jesus não considerava estes dois mandamentos contraditórios, de jeito nenhum. Não existe tensão neles. São duas faces da mesma moeda. São inseparáveis.

Mas como é que amamos as pessoas? A maior expressão é dar a própria vida: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos” (Jo 15:13). Foi o que Jesus fez por nós:

Difícilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores.  
(Romanos 5:7-8)

Fora esta expressão máxima eu não consigo me lembrar de uma descrição melhor do que a de 1 Coríntios 13:4-7. Diz tudo o que precisa ser dito. Seguem as características do amor, provenientes dessa passagem:

- O amor é paciente
- O amor é benigno
- O amor não arde em ciúmes
- O amor não se ensoberbece
- O amor não insiste nos seus interesses
- O amor não se irrita
- O amor não fica ressentido
- O amor não se alegra com a injustiça
- O amor se regozija com a verdade
- O amor tudo sofre
- O amor tudo crê

- O amor tudo espera
- O amor tudo suporta

Geralmente os tópicos desta lista são encontrados em cartões do Dia dos Namorados ou de uma festa romântica. Tudo bem — precisamos amar o nosso cônjuge ou aquela pessoa com quem talvez nos casemos. Mas 1 Coríntios 13:4-7 não trata bem de romance. É assim que devemos tratar as pessoas, de um modo geral. Quer elas reconheçam como amor, quer não, é irrelevante. Deus verá e saberá.

Precisamos ler algumas dessas frases em contexto com outras frases da lista. Por exemplo: “o amor tudo crê” precisa equilibrar-se com “o amor se regozija com a verdade.” Não podemos isolar “o amor tudo crê” e concluir que o amor crê em ensinamentos falsos ou maléficos. Da mesma maneira, “o amor tudo espera” não se refere a esperar que algo ruim aconteça com alguém. Mas, em geral, a lista é de fácil compreensão — e um desafio diário a ser vivido.

Mais um ponto antes de prosseguirmos. É crucial entendermos que basicamente tudo o que se segue quanto ao significado do discipulado deriva-se do primeiro mandamento de Jesus: “Assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13:34-35). Amar uns aos outros — amar as pessoas — é o ponto central de orientação para o resto das coisas que os discípulos fazem (orar, jejuar, doar, confraternizar, etc.). Todas são expressões desse mandamento fundamental.

## OS DISCÍPULOS CUIDAM UNS DOS OUTROS

Este elemento do discipulado é fruto do amor uns pelos outros. Cuidar uns dos outros significa *participar de e cultivar* comunidade.

À medida que mais pessoas passaram a acatar o evangelho nos dias que sucederam Pentecostes (At 2:1-4), elas se tornaram parte de uma comunidade que se expandia e viria a ser conhecida como a “igreja” (no caso deles, em Jerusalém). No Novo Testamento, esse termo não se referia

a um edifício nem a uma organização oficial. O Novo Testamento nos conta que a igreja em Jerusalém era notoriamente pobre. Eles não contavam com um prédio onde congregar (e haviam milhares de crentes novos; At 2:41, 47; 5:14). Não possuíam nenhum estatuto jurídico, de modo que eram perseguidos (At 3:11-4:31; 5:17-42).

Se “a igreja” não se tratava de um prédio nem de uma organização com estatuto jurídico, o que significava então? Como é que os seguidores de Jesus se sustentavam? Eles formaram uma comunidade unida e abnegada. Com muita frequência, usamos a palavra “comunidade” nas igrejas modernas para descrever o que se assemelha a um grupo de pessoas que compartilham um determinado interesse — como fãs de um time esportivo ou defensores mútuos de uma boa causa. Mas isso nem se compara à comunidade do Novo Testamento. A igreja comunitária do Novo Testamento era uma família.

Qual é a diferença entre uma família e um grupo de pessoas que se vinculam por causa de um interesse mútuo? Muitos aspectos. Você supõe que alguém lhe daria dinheiro para pagar o seu aluguel ou compras só porque são torcedores do mesmo time de futebol? Você supõe que alguém lhe desse um emprego ou consertasse o seu carro só porque vocês votaram na mesma pessoa, ou correram juntos na maratona de 5 milhas com o objetivo de angariar fundos por uma causa? É claro que não! Mas você contaria com a ajuda dos membros da sua família (ou pelo menos é assim que a família — relacionamentos de sangue — deve funcionar).

A igreja era assim. Repare só de relance:

Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas. E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à

medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos. (Atos 2:41-47).

Essa passagem *não* descreve comunismo nem socialismo. Não descreve *nenhum* sistema político. Não há nada nela mencionando um governo ou um Estado direcionando ou utilizando de coerção para obter o comportamento que você observa. Era inteiramente voluntário. O trecho descreve o comportamento de uma família saudável e normal. As famílias atendem as necessidades de seus membros. Mas calhou desta ter milhares de pessoas.

Este é um retrato do que os discípulos fazem. Eles cultivam a comunidade. Amam uns aos outros e se apoiam como uma família: compartilhando recursos. Para alguns crentes isso talvez signifique dinheiro; para outros, tempo, assistência ou habilidade. De forma básica, a comunidade faz o que precisa fazer para aqueles que fazem parte dela.

Você talvez se pergunte: com tanta gente envolvida, como é que essa comunidade toda se conhecia? Os crentes se encontravam no templo (e geralmente criavam conflito com os líderes judeus, mas era proveitoso para o evangelismo) e se reuniam “de casa em casa” (At 2:46; 5:42). O que significa que “a igreja” em Jerusalém, a comunidade cristã original, na realidade era uma rede de pequenas comunidades. As pessoas, em menor número dentro da comunidade, eram a linha de frente de apoio e reconhecimento de novos crentes.

Essas comunidades eram os pontos de entrada para novos crentes. A comunidade cristã era para as pessoas que já haviam acatado o evangelho. Cada comunidade participava do discipulado de seus membros e, de certa forma, dos crentes na comunidade mais ampla. Como é que se visualiza isso?



Geralmente, o primeiro passo era o de batizar os novos crentes (At 2:41; 8:12-13; 10:47-48; 16:15). O batismo era um ato público (observado por testemunhas — outros membros da comunidade) para se identificar com Jesus e com os Seus seguidores. Tinha vários significados, entre eles que os seus pecados foram perdoados por causa da obra de Jesus na cruz e que você agora tinha uma vida nova (Rm 6:1-4; 2 Co 5:17). O batismo era o primeiro passo para ingressar na vida da comunidade. As pessoas batizadas reconheciam sua fé em Jesus e as testemunhas reconheciam o compromisso.

Quando as comunidades de cristãos se encontravam, descobriam carências. Se conseguissem atender as necessidades das pessoas nas comunidades menores, o faziam. Isso permitia que os cristãos, atendendo as necessidades, imitassem Jesus. Aqueles que recebiam a ajuda aprendiam em “tempo real” a viver como Jesus. Quando as necessidades eram maiores do que as condições da comunidade menor de supri-las, a família mais ampla dos cristãos se fazia presente para ajudar. Foi para essa coordenação mais extensa de ministração que os apóstolos, os discípulos originais de Jesus que eram os líderes da igreja inexperiente de Jerusalém, apontaram ajudantes (“diáconos”) para organizar a “distribuição diária” (por certo, de comida) pela comunidade inteira (At 6:1-7).

Uma das práticas da igreja primitiva nesse sentido era comemorar uma festa conectada à lembrança da “Santa Ceia” (1 Co 11:17-34). A “Santa Ceia” era uma solenização memorial da última Ceia, quando Jesus disse aos discípulos que o Seu corpo e sangue seriam, em breve, entregues por eles. Jesus lhes disse que a entrega de Sua vida cumpria a “nova aliança” (Lc 22:20). A descrição da festa na Santa Ceia diz o mesmo (1 Co 11:25). A Santa Ceia era um meio de recordar o que Jesus fez. Jesus disse aos Seus discípulos para celebrá-la “em memória de Mim” (1 Co 11:24-25). Era mais uma forma de garantir que os pobres da comunidade fossem bem cuidados.

## OS DISCÍPULOS SE CONFRATERNIZAM

“Confraternização” é uma palavra do Novo Testamento que descreve a atividade da comunidade que cria. Cuidar uns dos outros faz parte da confraternização bíblica; quando aqueles que creem se reúnem, as necessidades são discernidas e atendidas. Dito isso, precisamos de um curto debate sobre confraternização para determinarmos o que mais os discípulos fazem.

Muitos cristãos hoje em dia comparam “confraternização” com divertimento em conjunto. É claro que divertir-se em conjunto fortalece os relacionamentos. Desfrutar da companhia de outras pessoas edifica os vínculos. Mas isso não é confraternização bíblica de verdade, no sentido de nos tornarmos discípulos.

A diferença principal entre divertimento em conjunto e confraternização bíblica é que a confraternização não envolve apenas passarmos um tempo juntos. É algo bem mais intencional.

O objetivo da confraternização é o de, no final das contas, “nos tornarmos uma só mente” junto a Jesus, a fim de que possamos “ter a mente Dele em nós.” Ou seja, o objetivo da confraternização é o discipulado. Alguns versículos de Filipenses captam bem a ideia:

Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo, para que, ou indo ver-vos ou estando ausente, ouça, no tocante a vós outros, que estais firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica. (Filipenses 1:27)

Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. ...Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus. (Filipenses 2:1-2, 5)

O que significa ter a mente de Cristo e, em seguida, ter o mesmo pensamento [uma só mente] como uma comunidade de crentes? Significa que todo mundo crê na mesma coisa, até nos mínimos detalhes? Não. A Bíblia fala de unidade, não uniformidade. Uma maneira melhor de se entender “pensar a mesma coisa” é que todo membro da comunidade possui o mesmo objetivo: ser igual a Jesus. O alvo é harmonia, não unanimidade, ao buscarmos a semelhança de Cristo e a vida juntos em comunidade como crentes.

As comunidades de crentes primitivas se envolviam em várias atividades para concretizar este objetivo. Eles oravam, jejuavam, adoravam e estudavam as Escrituras. Já que os discípulos podem conduzir tais atividades individualmente ou em conjunto, falarei de cada uma separadamente conforme prosseguimos.

### OS DISCÍPULOS ORAM

Em termos bem simples, orar é conversar com Deus. Mas isso precisa ser esclarecido. Deus já não sabe o que estamos pensando? Sabe sim. Então por que orar? Oração não serve para informar Deus. Oração é uma forma de mostrarmos a Deus (e a outros) que dependemos Dele. É uma forma de expressarmos que queremos que Deus aja, que não estamos confiando em nós mesmos, ou que não conseguimos encontrar a solução sozinhos. A oração fomenta a nossa sensação de só dependermos de Deus e só nos sentirmos seguros Nele. Assim sendo, a oração é adoração. O mesmo se aplica à oração em grupos.

Em Lucas 11:1 os discípulos, ao se referirem a João Batista e a seus seguidores, perguntaram a Jesus: “Senhor, ensina-nos a orar, da mesma forma que João ensinou os seus discípulos.” A resposta de Jesus foi a atual e famosa oração do “Pai Nosso” (Lc 11:2-4; cp. Mt 6:9-15). É importante notar que Jesus não disse aos discípulos quais palavras eles deviam usar na oração do Pai Nosso. Antes, disse-lhes que orassem “assim” (Mt. 9:9). Ele estava oferecendo um modelo. Não precisamos aplicar fórmulas nem palavras especiais para conversarmos com Deus. Simplesmente converse

com Deus. Mais uma coisa, a oração jamais deve ser feita para a pessoa se mostrar (Lc 18:9-14).

Não há nada na oração do Pai Nosso que Deus já não saiba. De novo: a oração não tem nada a ver com preencher as lacunas no conhecimento de Deus. Ao contrário, a oração do Pai Nosso é guarnecida de elementos como a adoração e a honra a Deus (“honrado seja o Teu nome”), a obediência à vontade de Deus (“seja feita a Tua vontade”), perdão (“perdoa as nossas dívidas assim como perdoamos os outros”) e pedidos de libertação da tentação e do mal (“não nos deixe cair em tentação mas livra-nos do mal”). A oração é designada para alinharmos o nosso coração ao senhorio de Deus em nossas vidas e criar uma atitude de dependência Dele.

A Bíblia está repleta de orações, tanto individuais quanto coletivas. Se você as ler, vai aprender que a oração também é um meio pelo qual conseguimos despejar os nossos sentimentos em Deus — raiva, tristeza, amor etc. Deus não aprende nada quando fazemos isso. Aprendemos a nos submeter a Ele, confiando que Ele é bom e sabe tudo, e pedindo ajuda a Deus. Jesus disse que Deus responde mesmo no contexto mais amplo da Sua sábia vontade. Ou seja, as respostas de Deus nem sempre coincidem com o que queremos, mas Ele sabe de tudo o que está se passando no curso de toda a experiência e comportamento humanos e está efetuando o Seu plano maior. Deus também pode atendê-lo de forma inesperada.

As orações da Bíblia não são egocêntricas. A maioria de seus conteúdos focam em abençoar os outros ou pedir a misericórdia de Deus pelos outros. As cartas de Paulo habitualmente incluem orações pelos recipientes. Nem sempre, aliás quase nunca, a oração representa a expressão das nossas próprias necessidades e desejos.

Jesus orava com frequência. Ele observava o Seu próprio ensinamento de que a oração precisa ser persistente (Cl 4:2-6; Lc 18:1-8). Nem todas as orações de Jesus foram atendidas—o que para Ele foi aceitável, já que estava mais interessado em que a vontade de Deus fosse realizada (Mt 26:36-46). Eis um bom lembrete com relação à oração. Jesus ensinou que Deus responderia quando orássemos (Lc 11:9-13), mas não podemos

presumir que Deus responderia se fôssemos desobedientes a Ele ou não vivêssemos de acordo com a Sua vontade (Tg 4:3; 1 Jo 3:22; 5:14).

## OS DISCÍPULOS JEJUAM

É possível que o jejum não seja bem conhecido entre os leitores. Geralmente, “jejuar” significa *abster-se* de algo. Jejuar da comida significa não comer. Este é o tipo de jejum mais prevalente na Bíblia, mas nem sempre. Jesus jejuava (Mt 4:2). Ele deduziu que os discípulos seguiriam o Seu exemplo e os advertiu que não fossem hipócritas quando jejuassem (Mt 6:16-18). O jejum não existe para você atrair atenção para si mesmo. É entre você e Deus.

O jejum não se aplica meramente à abstinência da comida. Você pode jejuar de todo tipo de coisa da maneira que quiser. Jesus não estava recomendando uma estratégia para emagrecer. Ele tinha outra coisa em mente quando jejuava e falava do jejum. Embora a Bíblia contenha muitos exemplos de jejuns, as regras não são específicas. Paulo observou que pessoas casadas podem jejuar do sexo (1 Co 7:1-5) para dedicar atenção especial à questão da oração.

Mas por que fazê-lo? As palavras de Paulo em 1 Co 7:5 explicando porque um casal pode abster-se do sexo durante um período nos dão uma indicação: “Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração.” O jejum é uma prática espiritual designada a nos ajudar a focalizar na oração. Como é que isso acontece? Quem sabe um exemplo ajude? Se você decidir jejuar de comida por um dia, toda vez que ficar com fome se lembrará de orar. O seu jejum é um alarme e direciona a sua atenção para o motivo que o levou a decidir jejuar.

Uma outra maneira de pensar sobre o jejum é perguntando o que nos distrai da oração ou, de um modo mais generalizado, do nosso caminhar com Deus. A resposta pode ser os nossos telefones, a televisão ou até um passatempo. Tudo isso podemos deixar de lado por um tempo (“jejuar”) para trazermos as nossas mentes de volta para Deus e para a oração.

As comunidades da igreja primitiva jejuavam para se concentrarem coletivamente na oração (At 13:1-3; 14:23). No Antigo Testamento, o jejum comunitário também era uma forma de demonstrar tristeza coletiva pelo pecado e arrependimento (Jr 36:6; Jl 2:12).

## OS DISCÍPULOS ADORAM

Você talvez considere fácil definir ou compreender a adoração. Bom, é e não é. Com muita frequência nós equiparamos a adoração com o que acontece em um culto de igreja, principalmente a música. Isso não é adoração, pelo menos em termos da definição bíblica, embora a música e o cântico fizessem parte das reuniões cristãs (Ef 5:19; Cl 3:16). Uma outra propensão da nossa cultura é achar que a adoração é um sentimento místico ou uma experiência introspectiva. Isso também não é adoração. Existem várias passagens que podemos avaliar, mas vamos evidenciar duas delas:

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Romanos 12:1-2)

Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. (João 4:23)

Nós já descrevemos a primeira passagem na nossa conversa sobre viver uma vida santa. Como é que você adora a Deus? Vive como Jesus viveu. Não se conforma com o mundo — com os seus valores e atividades

autosatisfatórios. *Isso sim* é adoração. A verdadeira adoração é uma questão do coração.

A segunda passagem é interessante por uma razão específica. Jesus disse àquela mulher que Deus busca pessoas para adorá-Lo. Assim sendo, a adoração não é algo que se inicia conosco. Somos *convidados* para responder à bondade e ao amor de Deus. *Como* e *quando* o fazemos, varia. Podemos fazê-lo individualmente, com ou sem música, dentro ou fora de um culto na igreja. Também podemos fazê-lo de forma corporativa, em comunhão com outros irmãos.

Quando aqueles que creem se reúnem em confraternização “estimulam uns aos outros ao amor e às boas obras” (Hb 10:24-25). Ou seja, eles incentivam uns aos outros à adoração espiritual — imitando Jesus. Louvam a Deus por Sua bondade e presença providencial em suas vidas (At 2:46-47; Tg 5:13). O louvor incluía cânticos e fazer melodia (Mt 26:30; Ef 5:19; Cl 3:16) mas estava inequivocamente vinculado à vida santa “...para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus” (Fp 1:10-11).

Não podemos esquecer que a nossa “adoração espiritual” a Deus está intrinsecamente vinculada à nossa maneira de viver (Rm 12:1-2). Não se trata de uma experiência que dura trinta minutos em casa ou na igreja, mas sim de *uma vida* orientada por e direcionada a Deus.

#### OS DISCÍPULOS CONFESSAM SEUS PECADOS E ACEITAM O PERDÃO DE DEUS

Uma das coisas que os discípulos precisam encarar logo que iniciam as suas jornadas como seguidores de Jesus é que vão fracassar. Nenhum de nós é isento de pecado como Jesus o foi (2 Co 5:21; 1 Pe 2:21-22; 1 Jo 3:5) e nem aspiramos a sê-lo. A Bíblia deixa este ponto claro. Os discípulos pecaram (Mr 14:30, 68, 72). Um deles, João, escreveu quando já estava mais velho:

Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado. Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós. (1 João 1:7-10)

É maravilhoso saber, portanto, que a nossa participação na família de Deus não depende de esforço próprio. As nossas boas obras não posicionam Deus como nosso devedor. Ele não nos deve a vida eterna em decorrência de qualquer mérito que suponhamos ter obtido. O nosso desempenho (ou a nossa falta dele) não O afastou de nós. Deus nos amou “enquanto ainda éramos pecadores” (Rm 5:8). Consequentemente, precisamos nos lembrar que já que a salvação nunca foi obtida por perfeição moral, também não pode ser perdida por causa de imperfeição moral.

Dada a nossa imperfeição, o verdadeiro discípulo de Jesus precisa se manter concentrado na bondade e no amor de Deus. Leia novamente a passagem na carta de João. Ela nos diz exatamente o que fazer quando ficamos em falta com Deus, quer fazendo algo que não seja consistente com a forma de imitarmos Jesus, ou deixando de fazer algo que seja consistente com sermos semelhantes a Ele: “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça.”

Quando pecamos e fracassamos, é necessário reconhecer o que fizemos. Confissão é isso. Não nos escondemos, não nos desculpamos nem racionalizamos o nosso pecado. Deus quer que o admitamos. Por quê? Porque precisamos ser humilhados. Precisamos nos lembrar que a salvação tem a ver com o que outra pessoa — Jesus — fez por nós, não o que merecemos. A confissão reconhece que somos filhos de Deus por



causa de Jesus. Podemos ter certeza de que o nosso pecado não nos separará de Deus; nós não seremos expulsos da família (Rm 8:31-39). Deus sabia, antes de acatarmos o evangelho, que tínhamos muitas falhas. Isso não O surpreende. Não muda nada do que Ele sente em relação a nós.

Uma pergunta óbvia então é por que nos preocupamos com o pecado? Os discípulos do Novo Testamento encararam essa mesma atitude nas pessoas. O apóstolo Paulo expôs esse assunto em sua carta aos cristãos em Roma:

Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? ... Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça. E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum! Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça? (Romanos 6:1-2, 12-16)

Note bem que a Bíblia não diz: “Deus me livre! Não peque senão Deus não vai mais amá-lo!” Antes, a preocupação é o retorno à escravatura da autodestruição. Portanto, por um lado, vamos pecar, mas por outro, devemos evitar fazê-lo. Paulo conhecia bem esse ponto de contenção (Rm 7:7-25), mesmo assim, foi um seguidor extraordinário de Jesus. O Novo Testamento nos alerta muitas vezes que existe uma guerra dentro de nós. Os nossos corações querem seguir Jesus, mas o nosso lado imperfeito quer

autosatisfação e preeminência na nossa maneira de viver (1 Pe 2:11; Tg 4:1).

Ao procurarmos seguir a Jesus é uma boa ideia, como diz o ditado, “manter as contas pagas com Deus.” O conceito é de que quando falharmos, estejamos prontos para confessar e agradecer a Deus pelo Seu perdão. Devemos nos lembrar do quanto o nosso pecado custou a Jesus e continuar a Lhe seguir em amor leal, gratos por Ele ter ido à cruz “enquanto ainda éramos pecadores” (Rm 5:8), para que pudéssemos ser Seus irmãos e irmãs.

### OS DISCÍPULOS ESTUDAM A BÍBLIA

Na igreja primitiva, os cristãos escutavam os ensinamentos dos apóstolos e estudavam as Escrituras. Paulo e outros apóstolos-missionários faziam o mesmo quando fundavam igrejas em outras localidades (At 2:42; 4:2; 5:42; 17:10-11; 18:11; 20:20). Este era o método mais comum de se aprender a Bíblia na era do Novo Testamento porque as pessoas, em sua maioria, não possuíam suas próprias cópias da Bíblia. Muitos cristãos não conseguiam nem ler. Embora participemos de uma cultura alfabetizada e tenhamos acesso à Bíblia, podemos nos beneficiar do aprendizado comunitário.

Para seguirmos Jesus, é necessário que aprendamos a Palavra de Deus. Senão, como é que aprenderemos a respeito do pecado (comportamentos e atitudes a serem evitados) e da vida cheia do Espírito (como nos comportarmos)? As Escrituras nos ensinam que “quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade.” (Ef 4:22-24). Quando passamos a fazer parte da família de Deus por meio da fé no evangelho, o Espírito habita em nós (1 Co 3:16-17; 6:19-20; 2 Co 6:16; Ef 2:22) e nos ajuda a vivermos vidas produtivas:

Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei. Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam. Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. (Gálatas 5:18-24)

Os discípulos aprendem e vivem a Palavra de Deus em suas vidas. Foi assim que Jesus mostrou que amava a Deus — Ele obedeceu a vontade de Deus. A comunidade nos provê uma boa ajuda para fazermos isso. Em uma comunidade entramos em contato com cristãos maduros que já seguem Jesus há muitos anos. Podemos aprender de que maneira as suas vidas mudaram quando aprenderam a “se despojar do velho e se revestir do novo.” Podemos nos acercar a eles para encorajamento quando encaramos dificuldades ao buscarmos nos assemelhar a Jesus. Eles podem nos fazer lembrar do amor e do perdão de Deus. Eles entendem, já que todo cristão tem dificuldade de se afastar do pecado e fazer o que é certo (1 Jo 1:5-10). Até os apóstolos combatiam o pecado e se esforçavam para fazer o certo (Rm 7:7-25; Gl 2:11-14). Comunidade significa responsabilidade, empatia e encorajamento à medida que procuramos ser mais conformes ao exemplo de Jesus.

## OS DISCÍPULOS SOFREM

Esse elemento talvez o surpreenda, mas o Novo Testamento o deixa bem claro. Jesus disse aos Seus discípulos:

Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa. (João 15:18-20)

É nesse ponto que a lealdade que crê é testada mesmo. Uma coisa é aprender que precisamos mudar a nossa maneira de viver. E outra, bem diferente, é seguir Jesus e padecer por isso. Os apóstolos sofreram ao seguirem Jesus (At 5:41; 9:16; 21:13; 2 Co 11:22-29). Apegar-se à fé é um tema que permeia o Novo Testamento (Rm 8:17-18; 2 Co 1:3-7; Fp 1:27-30; 1 Pe 3:13-17). Pedro, um dos doze discípulos originais, viu Jesus sofrer e ser preso por Sua fé (At 12:1-19). Ele escreveu aos outros cristãos que haviam se deslocado e se dispersado pela perseguição:

Porque que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis? Mas, se fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus. Porque para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas, o qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano, o qual, quando o injuriavam, não injuriava e, quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente. (1 Pedro 2:20-23 ARC)

Para suportar o sofrimento é preciso que nós nos lembremos que o evangelho não promete vida fácil, e sim um lugar eterno na família de Deus na vida que está por vir. Este mundo não é o nosso lar verdadeiro.

## DISCÍPULOS FAZEM MAIS DISCÍPULOS

Embora amar a Deus, ao nosso próximo e uns aos outros seja o aspecto mais importante de sermos discípulos, a tarefa mais importante a *cumprirmos* é fazer outros discípulos. Esse foi o dever que Jesus incumbiu os Seus discípulos logo antes de ascender ao céu. Por isso se chama a Grande Comissão:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. (Mateus 28:18-20).

“Fazei discípulos de todas as nações.” Esta é uma grande porção da história da Bíblia. A autoridade dos poderes sobrenaturais que haviam escravizado as nações foi removida. Deus agora quer que os Seus filhos, Seus sócios — discípulos do Seu Filho, Jesus — espalhem a boa notícia do evangelho em toda a parte. Deus quer o máximo possível de pessoas na Sua família. A nossa tarefa é de contar as boas notícias, viver o evangelho diante das pessoas, trazê-las para a família de Deus e ensiná-las a fazer o mesmo.

Como é que fazemos isso? Compartilhamos a nossa fé — como viemos a crer no evangelho. É impressionantemente simples.

Em primeiro lugar, conte para as pessoas sobre a sua vida antes de crer no evangelho e acatar o perdão de Deus através de Jesus Cristo. As pessoas gostam de ouvir histórias, principalmente a respeito de outras pessoas. Por quê? Há sempre um tópico na história de alguém que se conecta com a nossa própria história. Quando você fala da sua vida antes de compreender o evangelho, algum detalhe da sua vida será reconhecido pela pessoa com quem você está conversando — e talvez uma grande parte do conteúdo da sua história se conectará a elas.

Segundo, conte a elas porque o momento em que ouviu e creu no evangelho foi crítico para você. Geralmente envolve o perdão dos nossos pecados. É maravilhoso, apesar de tudo o que fizemos a nós mesmos e a outros, Deus continuar a nos amar e a nos querer tanto, a ponto de nos oferecer a salvação. Em seguida, compartilhe a história de Deus enviando o Seu Filho para que fôssemos perdoados e tivéssemos a vida eterna com Ele—exatamente o que Deus sempre quis, desde o início.

Terceiro, conte para as pessoas sobre o impacto que a sua crença no evangelho e a aceitação do perdão teve na sua vida. Conte a elas o que significa conhecer o perdão, o amor e a promessa de vida eterna provindos de Deus. Diga-lhes o quanto a sua perspectiva de quem você é e por que está aqui foi modificada. Confesse para elas como acatar o evangelho o transformou.

Algumas pessoas talvez queiram ver a prova de um coração transformado. Isso é normal — e uma oportunidade para você imitar Jesus. É uma das razões mais importantes de se viver uma vida santa. Jesus amou e serviu as pessoas. As pessoas querem ser amadas e buscam autenticidade nos outros. Responder às pessoas da mesma forma que Jesus o faria é importante. Nem todos crerão no evangelho quando você o compartilhar com eles e tratá-los da mesma forma que Jesus o faria. Mas *muitos* vão.



---

---

---

## NOMES E TERMOS IMPORTANTES (GLOSSÁRIO)

**O**s termos incluídos nesta lista não abrangem os termos que já foram explicados no livro. Itens de letras maiúsculas e em negrito estão incluídos no glossário.

**Abraão** – O homem que Deus escolheu para ser o antepassado do povo que mais tarde ficaria conhecido como israelitas ou judeus.

**Adão e Eva** – Os primeiros dois seres humanos (um homem e uma mulher) que Deus criou.

**Aliança** — Um contrato entre dois partidos. Na Bíblia Deus fazia alianças com a humanidade, nas quais Ele lhe oferecia promessas e bênçãos. As alianças podem ou não ser condicionais

**Anjos** – Seres sobrenaturais que servem a Deus e assistem os que creem em Jesus. Os termos originais para “anjo” em hebraico e em grego são traduzidos nas Bíblias em português como “mensageiro.” O termo “anjo” é, portanto, uma descrição da profissão—ele descreve o papel de um membro da esfera celestial de Deus que recebe mensagens de Deus para as pessoas. Confira o “Sumário de Termos Sobrenaturais” após este glossário para maiores detalhes.

**Antigo Testamento** — Os primeiros 39 livros da Bíblia. A cronologia do conteúdo destes livros antecede o nascimento de Jesus.



**Apóstolo** – Um termo grego que significa “enviado.” Há diferentes tipos de apóstolos no Novo Testamento.

**Ascensão** – O retorno de Jesus ao céu depois da Sua ressurreição.

**Assírios** — Inimigos históricos de Israel da Mesopotâmia do Norte.

**Atos** – Um livro no Novo Testamento referente à história dos primeiros cristãos.

**Babel** — A cidade antiga da Babilônia, localizada na Mesopotâmia do Sul (hoje em dia, o Iraque).

**Babilônios** — Inimigos históricos de Israel da Mesopotâmia do Sul.

**Bíblia** — Uma coleção de 66 livros sagrados da antiguidade, escritos por homens guiados providencialmente por Deus. Os primeiros 39 livros são conhecidos como o Antigo Testamento, os 27 seguintes são chamados de Novo Testamento.

**Crente** — Uma pessoa que acata ou crê e confia no Evangelho.

**Cristo** — Uma palavra grega que significa “o ungido;” equivalente a “Messias” e um título para Jesus.

**Cruz** — O método da execução de Jesus. A cruz romana era um poste ereto com uma viga cruzada na qual se amarrava ou pregava as vítimas, que eram deixadas para sufocar após a tortura. No Novo Testamento, “a cruz” também se refere ao lugar onde Ele comprou o pecado e garantiu Salvação a todos os que creem no Evangelho.

**Davi** — O segundo rei de Israel a quem Deus prometeu uma dinastia eterna. O Messias viria desta linha dinástica.

**Depravação** — Termo relacionado ao Mal e ao Pecado, embora se refira à medida e à frequência de pensamentos e comportamento maléficos.

**Dez Mandamentos** — As leis morais iniciais que Deus concedeu aos israelitas após o Êxodo do Egito.

**Diabo** — Nome alternativo de Satanás e da Serpente. Confira o “Sumário de Termos Sobrenaturais” após este glossário para maiores detalhes.

**Discípulo** — Como substantivo, uma pessoa que segue Jesus, imitando a Sua forma de viver e obedecendo os Seus ensinamentos; como verbo, “discipular” alguém significa ensinar-lhe a seguir Jesus.

**Divindade** — A Trindade; as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) do único e incomparável Deus.

**Espírito de Deus** — Outro termo para o Espírito Santo.

**Espírito Santo** — O Espírito pessoal de Deus, cuja essência é igual a Ele.

**Evangelho** — A mensagem da salvação através de Jesus Cristo.

**Evangelismo** — O empreendimento de espalhar a mensagem do Evangelho de várias formas.

**Êxodo** — (1) Nome do segundo livro da Bíblia; (2) termo que descreve a fuga da nação de Israel da escravatura no Egito.

**Fé** — Confiança que crê (em alguém ou em algo).

**Filho** — Na Bíblia, “o Filho” (com letra maiúscula) se refere à segunda pessoa da Trindade, que Se tornou homem, em Jesus.

**Filhos de Deus** — No Antigo Testamento, os seres sobrenaturais quer a serviço de Deus quer os rebeldes a Ele. Confira o “Sumário de Termos Sobrenaturais” que sucede este glossário para maiores detalhes.

**Gênesis** — O primeiro livro da Bíblia

**Graça** — Quando Deus nos oferece ou nos dá aquilo que não merecemos; a bondade de Deus.

**Grande Comissão** — A missão que Jesus concedeu aos Seus discípulos de espalhar o Evangelho e fazer discípulos pelo mundo inteiro.

**Guerra Espiritual** — A luta contra o Pecado e as forças hostis Sobrenaturais que se opõem à operação da Grande Comissão. Confira o “Sumário de Termos Sobrenaturais” que sucede este glossário para maiores detalhes.

**Hebraico** — A linguagem original em que foi escrito o Antigo Testamento.

**Hebreu** — Outro termo para “israelita.

**Isaque** — O filho de Abraão nascido de Sara.

**Israel** — (1) o novo nome de Jacó, neto de Abraão; (2) a nação do Antigo Testamento estabelecida por Deus através de Abraão e Sara.

**Israelitas** — Membros da linhagem de Abraão; membros da nação de Israel.

**Jacó** — O filho de Isaque e, portanto, neto de Abraão. Depois o seu nome passou a ser “Israel.”

**Jesus** — O Filho de Deus, nascido da Virgem Maria, que também é plenamente Deus. Deus que Se tornou homem, em Jesus, a fim de legitimar o plano de Deus de Salvação do pecado para a humanidade.

**Judeus** — Outro nome para “israelitas,” o povo descendente de Abraão. Na antiguidade, os estrangeiros usavam este termo referindo-se aos que permaneceram das duas tribos exiladas de israelitas.

**Jardim do Éden** — O lugar original do mundo que Deus criou e onde Adão e Eva viveram. Deus também estava presente no Éden.

**Mal** — Tudo o que Deus considera ruim, prejudicial e ofensivo—quer moral ou eticamente—a Si Próprio ou à Sua criação.

**Misericórdia** — Quando Deus retém de nós o julgamento que merecemos.

**Messias** — Um termo hebraico que significa “o ungido.” Refere-se ao último rei da linhagem de Davi que traria salvação do pecado e a libertação do povo de Deus de seus inimigos. Na história bíblica, Jesus foi o messias. O equivalente em grego para este termo hebraico é “Cristo.” Por isso: “Jesus Cristo” é “Jesus, o Messias.”

**Moisés** — Um israelita nascido durante a escravidão de Israel no Egito, a quem Deus escolheu capacitar para livrar Israel de tal servidão.

**Monte Sinai** — A montanha onde Deus chamou Moisés para libertar os israelitas do Egito e o lugar onde Deus deu os Dez Mandamentos a Israel.

**Novo Testamento** — Os 27 livros que sucedem o Antigo Testamento. O conteúdo destes livros abrange a vida e o ministério de Jesus, a história dos cristãos primitivos e a dispersão do cristianismo no primeiro século d.C.

**Noé** — O homem que Deus considerou justo na época do dilúvio. Deus instruiu Noé a construir uma arca (um navio enorme) para que salvasse a si próprio, a sua família e os animais selvagens do dilúvio.

**Paulo** — Um Apóstolo de Jesus cujo ministério focalizou nos gentios (não-israelitas).

**Pecado** — Qualquer ato ou disposição que se rebele contra Deus ou contradiga os Seus padrões de justiça, moral e ética.

**Pedro** — Um dos doze discípulos originais de Jesus.

**Perdão (do pecado)** — Quando Deus perdoa alguém de suas ofensas e transgressões contra Ele. Quando Deus perdoa, qualquer penalidade que devíamos a Ele é anulada. Conceitos relacionados ao perdão: Graça, Misericórdia e Salvação.

**Poderes das Trevas** — Todos os seres sobrenaturais hostis ao plano de Deus para o Seu mundo e Sua família humana. Confira o “Sumário de Termos Sobrenaturais” que sucede este glossário para maiores detalhes.

**Queda** — O Pecado de Adão e Eva no Jardim e as implicações decorrentes dele.

**Reino de Deus / Cristo / Jesus** — O governo de Deus por meio de Cristo na Terra com os que creem. O Novo Testamento apresenta esse reino como já presente e em andamento, mas aguardando o cumprimento final.

**Ressurreição** — (1) Geralmente, a conquista da morte pela vida nova após a morte; (2) no Novo Testamento, uma referência ao fato de Jesus ter ressuscitado dentre os mortos, com o Seu corpo, três dias após ser executado na Cruz, ou a futura ascensão de todos os que creem para a vida eterna na nova terra.

**Salomão** — Um dos filhos de Davi. Salomão herdou o trono após a morte de Davi.

**Salvação** — A libertação de alguém que crê no Evangelho de sua separação de Deus por causa do pecado. Na salvação, os pecados são perdoados ao se crer na mensagem do Evangelho. A salvação restaura o crente à família de Deus.

**Sara** — A esposa de Abraão que Deus capacitou, de forma sobrenatural, para conceber um filho.

**Satanás** — O nome dado à serpente do Éden que enganou Adão e Eva. Satanás foi o primeiro ser sobrenatural na criação de Deus que se rebelou contra Deus. Satanás é o inimigo número um de Deus no Novo Testamento. Confira o “Sumário de Termos Sobrenaturais” que sucede este glossário para maiores detalhes.

**Saul** — O primeiro rei de Israel.

**Serpente** — O inimigo de Adão e Eva no Jardim do Éden. Confira o “Sumário de Termos Sobrenaturais” que sucede este glossário para maiores detalhes.

**Sobrenatural** — Um termo referente àquilo que transcende ou se encaixa fora do mundo natural (físico, material) e do universo. Um “ser sobrenatural” refere-se a um ser que é espiritual, que por natureza não tem corpo.

**Terra Prometida** — Um termo que se aplica ao Israel geográfico, o lugar que Deus prometeu a Abraão como a localidade onde os seus descendentes se estabeleceriam. Antes de ser ocupada por Israel, esta terra era conhecida no Antigo Testamento como Canaã.

**Trindade** — As três pessoas da Divindade; a doutrina bíblica na qual Deus é Um, mas existe eternamente em três pessoas.

---

---

---

# SUMÁRIO DE TERMOS SOBRENATURAIS

A Bíblia nos apresenta uma variedade de termos para aqueles seres que habitam no mundo espiritual. A tradição cristã sempre funde estes termos, criando confusão. Eu devotei grande parte da minha carreira acadêmica a estas questões e gostaria de convidar qualquer pessoa interessada em assuntos referentes a anjos, satanás e espíritos malignos a ler (na seguinte ordem):

- *Sobrenatural: O Que A Bíblia Ensina Sobre O Mundo Invisível e Por Que Isso É Tão Importante!*
- *A Esfera Invisível: Recuperando A Visão Global Sobrenatural da Bíblia*
- *Anjos: O Que A Bíblia Verdadeiramente Diz A Respeito das Hostes Celestiais De Deus*
- *Demônios: O Que A Bíblia Verdadeiramente Diz A Respeito dos Poderes das Trevas*

O primeiro livro é como este — não se aplica para um debate acadêmico. Os outros três são, por natureza, acadêmicos (vários rodapés e muitos detalhes). Existem milhares de anotações e referências nestes livros extraídos de materiais de estudiosos que defendem o conteúdo.

No momento, talvez seja interessante revisar ou sumarizar o mundo sobrenatural mencionado na nossa apresentação da história da Bíblia.

A Bíblia nos ensina que existe um mundo invisível — um mundo de seres espirituais. Estes seres, por natureza, não têm corpo, embora consigam adotar uma forma física. O mundo espiritual é “sobrenatural” — ou seja, de natureza diferente do mundo físico e além do (“sobre—”) natural e do físico.

Deus é membro do mundo espiritual, mas é superior a ele, por tê-lo criado. Só Deus não foi criado e só Ele é eterno. Ele criou todos os outros seres espirituais que habitam no mundo espiritual da mesma forma que criou toda a vida no mundo que conhecemos (isto é: no mundo físico, material).

A Bíblia se utiliza de vários termos para descrever os membros do mundo espiritual (Rm 8:38; 1 Pe 3:22). Eu introduzi alguns neste livro. Alguns destes termos são descrições de cargos — formas de explicar o que um espírito *faz*. Por exemplo, o termo “anjo” significa “mensageiro.” Dito isso, na cultura Greco-Romana do Novo Testamento, “anjo” também se tornou o termo para qualquer membro das hostes celestiais que não se rebelaram contra Deus. O termo “demônio” virou um rótulo para todos os que se rebelaram, apesar de “demônio” ter uma variedade de significados na antiguidade.

A frase descritiva “filhos de Deus” é um termo de família que nos faz lembrar que Deus é o Pai (Criador) dos seres espirituais. Só que este termo significa mais do que isso. Eu exploro a frase, à fundo, nos livros *Sobrenatural* e *A Esfera Invisível*. “Filhos de Deus” se refere a um alto escalão na “força de trabalho” de Deus. Provém de uma linguagem da antiguidade em que os filhos do rei recebiam altas posições de responsabilidades. Na história bíblica, os “filhos de Deus” ficaram incumbidos de reger as nações que Deus havia julgado em Babel — um trabalho mais importante do que a mera entrega de mensagens (tarefa de “anjos”).

No início, todos os membros do mundo espiritual eram leais a Deus. Mas nem tudo permaneceu assim. Como lemos neste livro, Deus

compartilhou as Suas qualidades com os membros do mundo espiritual ao criá-los. Uma destas qualidades foi o livre arbítrio. Alguns dos membros do mundo espiritual decidiram exercitar esta liberdade e se rebelaram contra os desejos de Deus e contra a Sua família de seres humana. Todos os seres espirituais em rebeldia contra Deus e contra o Seu povo são, de forma coletiva, os “poderes das trevas.” No entanto, a Bíblia distingue os inimigos espirituais de Deus no decorrer da história que relata o desejo de Deus de ter uma família humana.

A Bíblia descreve três destas rebeliões. A primeira ocorreu no Jardim do Éden. Um dos membros do mundo espiritual queria sabotar o desejo de Deus de ter uma família de seres humanos. Na história bíblica, esta figura se aproximou de Eva em forma de serpente e a enganou. Mais adiante, na Bíblia, rótulos tais quais “satanás” (um termo que significa “adversário”) e “diabo” (um termo que significa “caluniador” ou “difamador”) viraram nomes para este rebelde original.

Mais tarde, na história bíblica, alguns dos filhos de Deus celestiais se rebelaram. Eles trespassaram a fronteira entre o mundo espiritual e o físico. O livro curto de Judas descreve o pecado deles: “não permaneceram sob as suas próprias posições de autoridade.” A tradição da igreja passou a chamar (imprecisamente) estes filhos rebeldes de Deus de “anjos caídos,” com o intuito de descrever o estado de “queda” da santidade, ou de “demônios,” denotando a perversidade deles. Isso apesar do fato do Antigo Testamento jamais ter associado “anjos” ou “demônios” aos rebeldes de Gn 6:1-4.

Por fim, chegou um momento em que os “filhos de Deus,” aqueles a quem foram incumbidas as nações após o episódio da Torre de Babel, se tornaram bem corruptos em suas designações. O Salmo 82 inteiro representa o julgamento deles. Estas entidades territoriais formam a base dos “príncipes” sobrenaturais associados às nações em Daniel 10, bem como os “principados,” as “potestades,” as “autoridades,” os “tronos” e os “poderes” que Paulo descreveu em várias passagens (por exemplo: Ef 6:11-12). Todos estes termos falam de domínio geográfico, de modo que



são adequados para descrever a situação que se desenrolou após Babel na história bíblica.